

Gnose

Tratado de PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA



SAMAEL AUN WEOR

anjosoucristos.com

O NÍVEL DO SER

- Capítulo 1 -

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Para que vivemos? Por que vivemos?...

Inquestionavelmente, o pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, não só não sabe, senão, além disso, nem sequer sabe que não sabe...

O pior de tudo é a situação tão difícil e tão estranha em que nos encontramos. Ignoramos o segredo de todas as nossas tragédias e, não obstante, estamos convencidos de que sabemos tudo...

Leve-se um “mamífero racional”, uma pessoa dessas que na vida se presume de influente, ao centro do deserto do Saara. Deixe-se ali, longe de qualquer oásis, e se observe de uma nave aérea tudo o que sucede...

Os fatos falarão por si mesmos. O “humanóide intelectual”, ainda que se presuma de forte e se creia muito homem, no fundo, resulta espantosamente débil...

O “animal racional” é tolo cem por cento; pensa de si mesmo o melhor; crê que se pode desenvolver maravilhosamente mediante o jardim de infância, manuais de etiqueta, escolas primária e secundária, bacharelato, universidade, o bom prestígio do papai, etc., etc., etc....

Desafortunadamente, por trás de tantas letras e bons modos, títulos e dinheiro, bem sabemos que qualquer dor de estômago nos entristece e que, no fundo, continuamos sendo infelizes e miseráveis...

Basta ler a história universal para saber que somos os mesmos bárbaros de outrora e que, em vez de melhorar, nos tomamos piores...

Este século XX, com toda a sua espetacularidade, guerras, prostituição, sodomia mundial, degeneração sexual, drogas, álcool, crueldade exorbitante, perversidade extrema, monstruosidade, etc., etc., etc., é o espelho em que nos devemos olhar. Não existe, pois, razão de peso para nos jactarmos de haver chegado a uma etapa superior de desenvolvimento...

Pensar que o tempo significa progresso é absurdo. Desgraçadamente, os ignorantes ilustrados continuam engarrafados no dogma da evolução...

Em todas as páginas negras da negra história, encontramos sempre as mesmas horrorosas crueldades, ambições, guerras, etc...

Contudo, nossos contemporâneos supercivilizados estão ainda convencidos de que isso de guerra é algo secundário, um acidente passageiro que nada tem a ver com a sua tão cacarejada “civilização moderna”.

Certamente, o que importa é o modo de ser de cada pessoa. Alguns sujeitos serão bêbados, outros, abstêmios, aqueles, honrados e estes outros, sem-vergonhas. De tudo há na vida...

A massa é a soma dos indivíduos; o que é o indivíduo é a massa, é o governo, etc....

A massa é, pois, a extensão do indivíduo; não é possível a transformação das massas, dos povos, se o indivíduo, se cada pessoa não se transforma...

Ninguém pode negar que existem distintos níveis sociais; há gente de igreja e de prostíbulo; de comércio e de campo, etc., etc., etc.

Assim também existem distintos Níveis do Ser. O que internamente somos, esplêndidos ou mesquinhos, generosos ou tacanhos, violentos ou tranqüilos, castos ou luxuriosos, atraí as diversas circunstâncias da vida...

Um luxurioso atrairá sempre cenas, dramas e até tragédias de lascívia, nas quais se envolverá...

Um bêbado atrairá os bêbados e se verá metido sempre em bares e cantinas. Isso é óbvio!...

O que atrairá o usurário? O egoísta? Quantos problemas, cárceres, desgraças?

Não obstante, as pessoas amarguradas, cansadas de sofrer, têm ganas de mudar, viral a página de sua história...

Pobres pessoas! Querem mudar e não sabem como; não conhecem o procedimento; estão metidas num beco sem saída...

O que lhes sucedeu ontem lhes sucede hoje e lhes sucedera amanhã; repetem sempre os mesmos erros e não aprendem as lições da vida nem a canhoneiras.

Todas as coisas se repetem em sua própria vida; dizem as mesmas coisas, fazem as mesmas coisas, lamentam as mesmas coisas...

Esta repetição aborrecedora de dramas, comédias e tragédias continuará enquanto carreguemos em nosso interior os elementos indesejáveis da Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula, etc., etc., etc....

Qual é nosso nível moral? Ou melhor diríamos: Qual é nosso Nível do Ser?

Enquanto o Nível do Ser não mude radicalmente, continuara a repetição de todas as nossas misérias, cenas, desgraças e infortúnios...

Todas as coisas, todas as circunstâncias que sucedem fora de nós, no cenário deste mundo, são exclusivamente o reflexo do que interiormente levamos.

Com justa razão podemos asseverar, solenemente, que “o exterior é o reflexo do interior”.

Quando alguém muda interiormente e tal mudança é radical, o exterior, as circunstâncias, a vida, mudam também.

Estive observando, por estes tempos (ano 1974), um grupo de pessoas que invadiu um terreno alheio. Aqui, no México, tais pessoas recebem o curioso qualificativo de “paraquedistas”.

São vizinhos da colônia campestre de Churubusco; estão muito perto de minha casa, motivo este pelo qual pude escudá-los de perto...

Ser pobre jamais pode ser delito; mas, o grave não está nisso, senão em seu Nível do Ser...

Diariamente lutam entre si, embebedam-se, insultam-se mutuamente, convertem-se em assassinos de seus próprios companheiros de infortúnio; vivem certamente em imundas choças, dentro das quais, em vez de amor, reina o ódio...

Muitas vezes pensei que se qualquer sujeito desses eliminasse de seu interior o ódio, a ira, a luxúria, a embriaguês, a maledicência, a crueldade, o egoísmo, a calúnia, a inveja, o amor próprio, o orgulho, etc., etc., etc., agradaria a outras pessoas, associar-se-ia, por simples lei de afinidades psicológicas, com pessoas mais refinadas, mais espirituais; essas novas relações seriam definitivas para uma mudança econômica e social...

Seria esse o sistema que permitiria a tal sujeito abandonar o chiqueiro, a cloaca imunda...

Assim, pois, se realmente queremos uma mudança radical, o que primeiro devemos compreender é que cada um de nós (seja branco ou negro, amarelo ou acobreado, ignorante ou ilustrado, etc.) está em tal ou qual Nível de Ser.

Qual é o nosso NÍVEL DE SER? Haveis vós refletido alguma vez sobre isso? Não seria possível passar a outro nível se ignoramos o estado em que nos encontramos.

A ESCADA MARAVILHOSA

- Capítulo 2 -

Temos que anelar uma mudança verdadeira, sair desta rotina aborrecedora, desta vida meramente mecanicista, cansativa...

O que primeiro devemos compreender, com inteira claridade, é que cada um de nós, seja burguês ou proletário, acomodado ou da classe média, rico ou miserável, encontra-se realmente em tal ou qual Nível de Ser...

O Nível de Ser do bêbado é diferente daquele do abstinência e o da prostituta, muito distinto do da donzela. Isto que estamos dizendo é irrefutável, irrefutável...

Ao chegar a esta parte do nosso capítulo, nada perdemos com imaginar uma escada que se estende de baixo para cima, verticalmente, e com muitíssimos degraus...

Inquestionavelmente, em algum degrau destes nos encontramos; degraus abaixo, haverá pessoas piores que nós; degraus acima, encontrar-se-ão pessoas melhores que nós...

Nesta vertical extraordinária, nesta Escada Maravilhosa, é claro que podemos encontrar todos os Níveis de Ser... Cada pessoa é diferente e isto ninguém pode refutar...

Indubitavelmente, não estamos agora falando de caras feias ou bonitas; nem, tampouco, se trata de questão de idade. Há pessoas jovens e velhas; anciãos que já estão para morrer e crianças recém-nascidas...

A questão do tempo e dos anos, isso de nascer, crescer, desenvolver-se, casar-se reproduzir-se, envelhecer e morrer, é exclusivo da horizontal...

Na Escada Maravilhosa, na vertical, o conceito de tempo não cabe. Nos degraus de tal escada só podemos encontrar Níveis de Ser...

A esperança mecânica das pessoas não serve para nada; crêem que, com o tempo, as coisas serão melhores; assim pensavam nossos avôs e bisavôs; os fatos precisamente vieram demonstrar o contrário...

O Nível de Ser é o que conta e isto é vertical; encontramos-nos num degrau, porém podemos subir a outro degrau...

A Escada Maravilhosa de que estamos falando e que se refere aos distintos Níveis de Ser, certamente, nada tem a ver com o tempo linear...

Um Nível de Ser mais alto está imediatamente acima de nós de instante em instante...

Não está em nenhum remoto futuro horizontal, senão aqui e agora, dentro de nós mesmos, na vertical...

É ostensível e qualquer um o pode compreender que as duas linhas, horizontal e vertical, se encontram de momento em momento em nosso inteiro psicológico e formam cruz...

A personalidade se desenrola e se desenvolve na linha horizontal da vida. Nasce e morre dentro de seu tempo linear; é perecedoura; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; não é o Ser...

Os Níveis do Ser, o Ser mesmo não é do tempo; nada tem a ver com a linha horizontal; encontra-se dentro de nós mesmos. Agora, na vertical...

Resultaria manifestamente absurdo buscar o nosso próprio Ser fora de nós mesmos...

Não é demais assentar, como corolário, o seguinte: Títulos, graus, ascensões, etc., no mundo físico exterior, de modo algum originariam exaltação autêntica, reavaliação do Ser, passagem a um degrau superior nos Níveis do Ser...

REBELDIA PSICOLÓGICA

- Capítulo 3 -

Não está demais recordar aos nossos leitores que existe um ponto matemático dentro de nós mesmos...

Inquestionavelmente, tal ponto jamais se encontra no passado, nem tampouco, no futuro...

Quem quiser descobrir esse ponto misterioso deve buscá-lo aqui e agora, dentro de si mesmo, exatamente neste instante, nem um segundo adiante, nem um segundo atrás...

Os dois madeiros, o vertical e o horizontal, da santa cruz encontram-se neste ponto...

Encontramo-nos, pois, de instante em instante, diante de dois caminhos: o horizontal e o vertical...

É ostensível que o horizontal é muito comum; por ele andam “Vicente e toda gente”, “Villega e todo o que chega”, “Dom Raimundo e todo mundo”...

É evidente que o vertical é diferente; é o caminho dos rebeldes inteligentes, o dos revolucionários...

Quando nos recordamos de nós mesmos, quando trabalhamos sobre nós mesmos, quando não nos identificamos com todos os problemas e penares da vida, de fato vamos pela senda vertical...

Certamente, jamais será tarefa fácil eliminar as emoções negativas; perder toda identificação com nosso próprio trem de vida; problemas de toda índole; negócios, dívidas, pagamento de letras, hipoteca, telefone, água, luz, etc., etc., etc.

Os desempregados, aqueles que por tal ou qual motivo perderam o emprego, o trabalho, evidentemente sofrem por falta de dinheiro; e esquecer seu caso, não se preocupar, nem se identificar com seu próprio problema resulta, de fato, espantosamente difícil.

Aqueles que sofrem, aqueles que choram, aqueles que foram vítimas de alguma traição, de um mal pago na vida, de uma ingratidão, de uma calúnia ou de alguma fraude, realmente se esquecem de si mesmos, de seu Real Ser Íntimo; identificam-se completamente com sua tragédia moral...

O trabalho sobre si mesmos é a característica fundamental do caminho vertical. Ninguém poderia trilhar a Senda da Grande Rebelião, se jamais trabalhasse sobre si mesmo...

O trabalho a que nos estamos referindo é de tipo psicológico; ocupa-se de certa transformação do momento presente em que nos encontramos. Precisamos aprender a viver de instante em instante...

Por exemplo: Uma pessoa que se encontra desesperada por algum problema sentimental, econômico ou político, obviamente se esqueceu de si mesma.

Tal pessoa, se se detém um instante, se observa a situação e trata de se recordar de si mesma e logo se esforça por compreender o sentido de sua atitude...

Se reflete um pouco, se pensa em que tudo passa, em que a vida é ilusória, fugaz e em que a morte reduz a cinzas todas as vaidades do mundo...

Se compreende que seu problema, no fundo não é mais que um fogo fátuo que logo se apaga, verá de repente, com surpresa, que tudo mudou...

Transformar reações mecânicas é possível mediante a confrontação lógica e a auto-reflexão íntima do Ser...

É evidente que as pessoas reagem mecanicamente diante das diversas circunstâncias da vida.

Pobres pessoas! Costumam sempre converter-se em vítimas. Quando alguém as adula, sorriem; quando as humilham, sofrem. Insultam, se são insultadas; ferem, se são feridas. Nunca são livres; seus semelhantes têm o poder de levá-las da alegria à tristeza, da esperança ao desespero.

Cada pessoas dessas que vai pelo caminho horizontal, parece-se com um instrumento musical, onde cada um de seus semelhantes toca o que lhe vem na gana...

Quem aprende a transformar as relações mecânicas de fato se mete pelo caminho vertical.

Isto representa uma mudança fundamental no Nível de Ser, resultado extraordinário da REBELDIA PSICOLÓGICA.

A ESSÊNCIA

- Capítulo 4 -

O que faz bela e adorável a toda criança recém-nascida é sua Essência; esta constitui, em si mesma, sua verdadeira realidade...

O normal crescimento da Essência, em toda criatura, certamente é muito residual, incipiente...

O corpo humano cresce e se desenvolve de acordo com as leis biológicas da espécie; entretanto, tais possibilidades resultam, por si mesmas, muito limitadas para a Essência...

Inquestionavelmente, a Essência só pode crescer por si mesma, sem ajuda, em pequeníssimo grau...

Falando francamente e sem rodeios, diremos que o crescimento espontâneo e natural da Essência só é possível durante os primeiros três, quatro e cinco anos de idade, quer dizer, na primeira etapa da vida...

As pessoas pensam que o crescimento e o desenvolvimento da Essência se realizam sempre de forma contínua, de acordo com a mecânica da evolução; mas o Gnosticismo Universal ensina claramente que isto não ocorre assim...

A fim de que a Essência cresça mais, algo muito especial deve suceder; algo novo terá que ser realizado...

Quero referir-me, de forma enfática, ao trabalho sobre si mesmo. O desenvolvimento da Essência unicamente é possível à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários...

É necessário compreender que estes trabalhos não se referem a questões de profissão, bancos, carpintaria, serralheria, ajuste de linhas férreas ou assuntos de escritório...

Este trabalho é para toda pessoa que desenvolveu a personalidade; trata-se de algo psicológico...

Todos nós sabemos que temos, dentro de nós mesmos, isso que se chama EGO, EU MIM MESMO, SI MESMO...

Desgraçadamente, a Essência se encontra engarrafada, enfrascada, dentro do ego e isto é lamentável...

Dissolver o eu psicológico, desintegrar seus elementos indesejáveis, é urgente, inadiável, impostergável... Este é o sentido do trabalho sobre si mesmo.

Nunca poderíamos libertar a Essência sem desintegrar previamente o eu psicológico...

Na Essência está a religião, o Buda, a sabedoria, as partículas de dor do nosso Pai que está nos céus e todos os dados que necessitamos para a AUTO-RALIZAÇÃO ÍNTIMA DO SER.

Ninguém poderia aniquilar o eu psicológico sem eliminar previamente os elementos inumanos que levamos dentro...

Necessitamos reduzir a cinzas a crueldade monstruosa destes tempos; a inveja que desgraçadamente veio a se converter na mola secreta da ação; a cobiça insuportável que tornou a vida tão amarga; a asquerosa maledicência; a calúnia que tantas tragédias originam; as bebedeiras; a imunda luxúria que cheira tão mal, etc., etc., etc....

À medida que todas essas abominações forem sendo reduzidas a poeira cósmica, a Essência, além de se emancipar, crescerá e se desenvolverá harmoniosamente...

Inquestionavelmente, quando o eu psicológico morreu, resplandece, em nós, a Essência...

A Essência livre nos confere beleza íntima; de tal beleza emanam a felicidade perfeita e o verdadeiro amor...

A Essência possui múltiplos sentidos de perfeição e extraordinários poderes naturais...

Quando morremos em nós mesmos, quando dissolvemos o Eu psicológico, gozamos dos preciosos sentidos e poderes da ESSÊNCIA...

ACUSAR-SE A SI MESMO

- Capítulo 5 -

A Essência que cada um de nós leva em seu interior vem do alto, do céu, das estrelas...

Inquestionavelmente, a Essência maravilhosa provém da nota lá (a via Láctea, a galáxia em que vivemos).

Preciosa, a Essência passa através da nota sol (o Sol), logo pela nota fá (a zona planetária); entra neste mundo e penetra em nosso próprio interior.

Nossos pais criaram o corpo apropriado para a recepção desta Essência que vem das estrelas...

Trabalhando intensamente sobre nós mesmos e sacrificando-nos por nossos semelhantes, regressaremos vitoriosos ao seio profundo de Urânia...

Nós estamos vivendo neste mundo por algum motivo; para algo, por algum fator especial...

Obviamente em nós há muito que devemos ver, estudar e compreender, se é que, em realidade, anelamos saber algo sobre nós mesmos, sobre nossa própria vida...

Trágica é a existência daquele que morre sem haver conhecido o motivo de sua vida!

Cada um de nós deve descobrir, por si mesmo, o sentido de sua própria vida; aquilo que o mantém prisioneiro no cárcere da dor...

Ostensivelmente existe em cada um de nós algo que nos amarga a vida e contra o qual necessitamos lutar firmemente...

Não é indispensável que continuemos em desgraça; é impostergável reduzir a poeira cósmica isso que nos faz tão débeis e infelizes.

De nada serve envaidecer-nos com títulos, honras, diplomas, dinheiro, vão racionalismo subjetivo, costumeiras virtudes, etc., etc., etc....

Não devemos esquecer jamais que a hipocrisia e as tolas vaidades da falsa personalidade fazem de nós pessoas torpes, rançosas, retardatárias, reacionárias, incapazes para ver o novo...

A morte tem muitos significados, tanto positivos como negativos. Consideremos aquela magnífica observação do Grande Kabir Jesus, o Cristo:

“Que os mortos sepultem os seus mortos.” Muitas pessoas, ainda vivam, estão de fato mortas para todo possível trabalho sobre si mesmas e, por conseguinte, para qualquer transformação íntima.

São pessoas engarrafadas em seus dogmas e crenças; pessoas petrificadas nas recordações de muitos ontens; indivíduos cheios de preconceitos ancestrais; pessoas escravas do que dirão; espantosamente túbias, indiferentes; às vezes sabichonas, convencidas de estarem na verdade, porque assim lhes disseram, etc., etc., etc...

Não querem essas pessoas entender que este mundo é um “ginásio psicológico”, mediante o que seria possível aniquilar essa fealdade secreta que todos levamos dentro...

Se estas pobres pessoas compreendessem o estado tão lamentável em que se encontram, tremeriam de horror...

No entanto, tais pessoas pensam sempre de si mesmas o melhor; jactam-se de suas virtudes, sentem-se perfeitas, bondosas, serviçais, nobres, caritativas, inteligentes, cumpridoras de seus deveres, etc.

A vida prática, como escola, é formidável; porém, tomá-la como um fim em si mesma é manifestadamente absurdo.

Aqueles que tomam a vida em si mesma, tal como se vive diariamente, não compreenderam a necessidade de trabalhar sobre si mesmos para lograr uma transformação radical.

Desgraçadamente, as pessoas vivem mecanicamente; nunca ouviram falar algo sobre o trabalho interior...

Mudar é necessário; porém, as pessoas não sabem como mudar; sofrem muito e nem sequer sabem por que sofrem...

Ter dinheiro não é tudo. A vida de muitas pessoas ricas costuma ser verdadeiramente trágica...

A VIDA

- Capítulo 6 -

No terreno da vida prática descobrimos sempre contrastes que assombram. Pessoas endinheiradas, com magnífica residência e muitas amigas, às vezes sofrem espantosamente...

Humildes proletários de picareta e pá ou pessoas da classe média soem viver, às vezes, em completa felicidade.

Muitos arquimilionários sofrem de impotência sexual e ricas senhoras choram amargamente a infidelidade do marido...

Os ricos da terra parecem abutres dentro de gaiolas de ouro; por esses tempos não podem viver sem guarda-costas...

Os homens de estado arrastam correntes; nunca estão livres; andam por todos os lados rodeados de gente armada até os dentes...

Estudemos esta situação mais detidamente. Necessitamos saber o que é a vida. Cada qual é livre para opinar como queira...

Digam o que digam, certamente ninguém sabe nada; a vida resulta um problema que ninguém entende...

Quando as pessoas desejam contar-nos gratuitamente a história de sua vida, citam acontecimentos, nomes e sobrenomes, datas, etc., e sentem satisfação ao fazer seus relatos...

Essas pessoas ignoram que seus relatos estão incompletos, porque eventos, nomes e datas são tão somente o aspecto externo da película; falta o aspecto interno...

É urgente conhecer os estados de Consciência. A cada evento corresponde tal ou qual estado anímico.

Os estados são interiores e os eventos são exteriores; os acontecimentos externos não são tudo...

Entende-se por estados interiores as boas ou más disposições, as preocupações, a depressão, a superstição, o temor, a suspeita, a misericórdia, a autoconsideração, a sobrestima de si mesmo, estados de sentir-se feliz, estados de gozo, etc., etc., etc....

Inquestionavelmente, os estados interiores podem corresponder exatamente aos acontecimentos exteriores, ou ser originados por estes, ou não ter relação alguma com os mesmos...

Em todo o caso, estados e eventos são coisas diferentes. Nem sempre os acontecimentos correspondem exatamente a estados afins.

O estado interior de um evento desagradável poderia não corresponder ao mesmo.

Acontecimentos aguardados durante muito tempo, quando vieram, sentimos que faltava algo...

Certamente faltava o correspondente estado interior que se devia combinar com o acontecimento exterior...

Muitas vezes, o acontecimento que não se esperava vem a ser o que melhores momentos nos proporcionou...

O ESTADO INTERIOR

- Capítulo 7 -

Combinar estados interiores com acontecimentos exteriores de forma correta é saber viver inteligentemente.

Qualquer evento inteligentemente vivenciado exige seu correspondente estado interior específico...

Porém, desafortunadamente, as pessoas, quando revisam sua vida, pensam que esta, em si mesma, está constituída exclusivamente por eventos exteriores...

Pobres pessoas! Pensam que se tal ou qual acontecimento não lhes houvesse sucedido, sua vida teria sido melhor...

Supõem que a sorte lhes saiu ao encontro e que perderam a oportunidade de serem felizes...

Lamentam o perdido; choram o que desprezaram; gemem, recordando os velhos tropeços e calamidades...

Não se querem dar conta as pessoas que vegetar não é viver e que a capacidade para existir conscientemente depende exclusivamente da qualidade dos estados interiores da alma...

Não importa, certamente, quão formosos sejam os acontecimentos externos da vida, se não nos encontramos, em tais momentos, no estado interior apropriado; os melhores eventos podem parecer-nos monótonos, cansativos ou simplesmente aborrecedores...

Alguém aguarda com ansiedade a festa de bodas. É um acontecimento; mas, poderia suceder que estivesse tão preocupado no momento preciso do evento que realmente não encontrasse nele nenhum deleite e que tudo aquilo se tornasse tão árido e frio como um protocolo...

A experiência nos ensinou que nem todas as pessoas que assistem a um banquete ou a um baile se deleitam de verdade...

Nunca falta um aborrecido no melhor dos festejos e as peças mais deliciosas alegram a uns e fazem chorar a outros...

Muito raras são as pessoas que sabem combinar conscientemente o evento externo com o estado interno apropriado...

É lamentável que as pessoas não saibam viver conscientemente; choram quando devem rir e riem quando devem chorar...

Controle é diferente. O sábio pode estar alegre, mas nunca jamais cheio de louco frenesi; triste, porém, nunca desesperado e abatido... sereno no meio da violência; abstinência na orgia; casto, entre a luxúria, etc...

As pessoas melancólicas e pessimistas pensam da vida o pior e, francamente, não desejam viver...

Todos os dias vemos pessoas que não somente são infelizes, senão que, além disso, e o que é pior, fazem também amarga a vida dos demais...

Pessoas assim não mudariam nem vivendo diariamente de festa em festa; a enfermidade psicológica levam-na em seu interior... Tais pessoas possuem estados íntimos definitivamente perversos...

Não obstante, esses sujeitos se autoqualificam como justos, santos, virtuosos, nobres, serviçais, mártires, etc., etc., etc.

São pessoas que se autoconsideram demasiado; pessoas que se querem muito a si mesmas...

Indivíduos que se apiedam muito de si mesmos e que sempre buscam escapatórias para iludir suas próprias responsabilidades...

Pessoas assim estão acostumadas às emoções inferiores e é ostensível que, por tal motivo, criam diariamente elementos psíquicos infra-humanos...

Os eventos desgraçados, revezes de fortuna, misérias, dívidas, problemas, etc., são exclusividade daquelas pessoas que não sabem viver...

Qualquer um pode formar uma rica cultura intelectual; mas são muito poucas as pessoas que aprenderam a viver retamente...

Quando queremos separar os eventos exteriores dos estados interiores da Consciência, demonstramos concretamente nossa incapacidade para existir dignamente.

Aqueles que aprendem a combinar conscientemente eventos exteriores e estados interiores marcham pelo caminho do êxito...

ESTADOS EQUIVOCADOS

- Capítulo 8 -

Inquestionavelmente, na rigorosa observação do Mim Mesmo, resulta impostergável fazer uma completa diferenciação lógica, entre os acontecimentos exteriores da vida prática e os estados íntimos da consciência.

Necessitamos, com urgência, saber onde estamos situados em um dado momento, tanto em relação ao estado íntimo da Consciência, como à natureza específica do acontecimento exterior que nos está sucedendo.

A vida, em si mesma, é uma série de acontecimentos que se processam através do tempo e do espaço...

Alguem disse: "A vida é uma cadeia de martírios que o homem leva enredada na alma..." ...

Cada qual tem liberdade de pensar como quiser; eu creio que aos efêmeros prazeres de um instante fugaz sucedem sempre o desencanto e a amargura...

Cada acontecimento tem seu sabor característico especial, e os estados interiores são, assim mesmo, de distinta classe; isto é incontrovertível, irrefutável...

Certamente, o trabalho interior sobre si mesmo refere-se, de forma enfática, aos diversos estados psicológicos da Consciência...

Ninguém poderia negar que em nosso interior carregamos muitos erros e que existem estados equivocados...

Se, de verdade, queremos mudar realmente, necessitamos, com urgência máxima e inadiável, modificar radicalmente esses estados equivocados da Consciência...

A modificação absoluta dos estados equivocados origina transformações completas no terreno da vida prática.

Quando trabalhamos seriamente sobre os estados equivocados, obviamente os acontecimentos desagradáveis da vida já não podem nos ferir tão facilmente...

Estamos dizendo algo que só é possível compreender vivenciando-o, sentindo-o realmente no próprio terreno dos fatos...

Quem não trabalha sobre si mesmo e sempre vítima das circunstâncias; e como um mísero lenho entre as águas tormentosas do oceano...

Os acontecimentos mudam incessantemente em suas múltiplas combinações; vêm um após outro, em ondas; são influências...

Certamente existem bons e maus acontecimentos. Alguns eventos serão melhores ou piores que outros...

Modificar certos eventos é possível. Alterar resultados, modificar situações, etc., está, certamente, dentro das possibilidades.

Entretanto, existem situações, de fato, que não podem ser alteradas. Nestes últimos casos, devem ser aceitas conscientemente, ainda que algumas sejam muito dolorosas e até perigosas...

Inquestionavelmente, a dor desaparece quando não nos identificamos com o problema que se apresentou...

Devemos considerar a vida como uma série sucessiva de estados interiores; uma história autêntica de nossa vida, em particular, é formada por todos esses estados...

Ao revisar a totalidade de nossa própria existência, podemos verificar por nós mesmos, de forma direta, que muitas situações desagradáveis foram possíveis graças a estados interiores equivocados...

Alexandre Magno, ainda que sempre tenha sido temperado por natureza, entregou-se, por orgulho, aos excessos que lhe produziram a morte...

Francisco I morreu por causa de um sujo e abominável adultério, que muito bem recorda a história ainda...

Quando Marat foi assassinado por uma monja perversa, morria de soberba e de inveja, acreditava-se a si mesmo absolutamente justo...

As damas do Parque dos Servos, inquestionavelmente acabaram totalmente com a vitalidade do espantoso fornicário chamado Luís XV.

Muitas são as pessoas que morrem por ambição, ira ou ciúmes; insto o sabem muito bem os psicólogos.

Enquanto nossa vontade se confirma irrevogavelmente numa tendência absurda, convertemo-nos em candidatos para o panteão ou cemitério...

Otelo, devido aos ciúmes, se converteu em assassino. E o cárcere está cheio de equivocados sinceros...

ACONTECIMENTOS PESSOAIS

- Capítulo 9 -

A plena auto-observação íntima do mim mesmo torna-se inadiável quando se trata de descobrir estados psicológicos equivocados.

Inquestionavelmente, os estados interiores equivocados podem ser corrigidos mediante procedimentos corretos.

Como a vida interior é o ímã que atrai os eventos exteriores, necessitamos, com urgência máxima, inadiável, eliminar de nossa psique os estados psicológicos errôneos.

Corrigir estados psicológicos equivocados é indispensável, quando se quer alterar fundamentalmente a natureza de certos eventos indesejáveis.

Alterar nossa relação com determinados eventos é possível, se eliminarmos de nosso interior certos estados psicológicos absurdos.

Situações exteriores destrutivas poderiam se converter em inofensivas e até construtivas, mediante a inteligente correção dos estados interiores errôneos.

Podemos mudar a natureza dos eventos desagradáveis que nos ocorrem, quando nos purificamos intimamente.

Quem jamais corrige os estados psicológicos absurdos, crendo-se muito forte, converte-se em vítima das circunstâncias.

Pôr ordem em nossa desordenada casa interior é vital, quando se deseja mudar o curso de uma desgraçada existência.

As pessoas que se queixam de tudo. Sofrem, choram e protestam. Queriam mudar de vida, sair do infortúnio em que se encontram. Desafortunadamente, não trabalham sobre si mesmas.

Não se querem dar conta de que a vida interior atrai circunstâncias exteriores e que, se estas são dolorosas, deve-se aos estados interiores absurdos.

O exterior é tão somente o reflexo do interior; quem muda interiormente origina uma nova ordem de coisas.

Os eventos exteriores jamais seriam tão importantes como o modo de reagir ante os mesmos.

Permaneceste sereno ante o insultador? Recebeste com agrado as manifestações desagradáveis de vossos semelhantes?

De que maneira reagiste ante a infidelidade do ser amado? Deixaste-te levar pelo veneno dos ciúmes? Matastes? Estais no cárcere?

Os hospitais, os cemitérios ou panteões, os cárceres estão cheios de equivocados sinceros, que reagiram de forma absurda ante os eventos exteriores.

A melhor arma que um homem pode usar na vida é um estado psicológico correto.

Podemos desarmar feras e desmascarar traidores mediante estados interiores apropriados.

Os estados interiores equivocados nos convertem em vítimas indefesas da perversidade humana.

Aprendeí a enfrentar os acontecimentos mais desagradáveis da vida prática com uma atitude interior apropriada...

Não vos identifiqueis com nenhum acontecimento; recordai que tudo passa; aprendei a ver a vida como um filme e recebereis os benefícios...

Não olvidei que acontecimentos sem nenhum valor poderiam levar-vos à desgraça, se não eliminardes de vossa psique os estados interiores equivocados.

Cada evento exterior necessita, inquestionavelmente, da senha apropriada, quer dizer, do estado psicológico preciso.

OS DIFERENTES EUS

- Capítulo 10 -

O mamífero racional, equivocadamente chamado homem, realmente não possui uma individualidade definida.

Inquestionavelmente, esta falta de unidade psicológica no humanóide é a causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, a menos que esteja enfermo.

Entretanto, a vida interior do humanóide de modo algum é uma unidade psicológica.

O mais grave de tudo isso, a despeito do que digam as diversas escolas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista, é a ausência de organização psicológica no fundo íntimo de cada sujeito.

Certamente, em tais condições não existe trabalho harmonioso como um todo, na vida interior das pessoas.

O humanóide, a respeito de seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, uma soma de eus.

Os ignorantes ilustrados desta época tenebrosa rendem culto ao eu, endeusam-no; colocam-no nos altares, chamam-no alter ego, eu superior, eu divino, etc., etc., etc.

Não se querem dar conta os sabichões desta idade negra em que vivemos que eu superior ou eu inferior são duas seções do mesmo ego pluralizado...

O humanóide não tem, certamente, um eu permanente, mas uma multidão de diferentes eus infra-humanos e absurdos.

O pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem, onde, em vez de um amo, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que lhes vem na gana...

O maior erro do pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo baratos é supor que os outros possuem ou que se tem um eu permanente e imutável, sem princípio e sem fim...

Se esses que assim pensam despertassem a consciência, ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar claramente por si mesmos, que o humanóide racional nunca é o mesmo por muito tempo...

O mamífero intelectual, do ponto de vista psicológico, está mudando continuamente...

Pensar que se uma pessoa se chama Luís é sempre Luís, é como uma brincadeira de muito mau gosto...

Esse sujeito, a quem se chama Luís, tem em si mesmo outros eus, outros egos que se expressam através de sua personalidade em diferentes momentos e, ainda que o Luís não goste da cobiça, outro eu nele, chamemo-lo Pepe, gosta da cobiça, e assim sucessivamente...

Nenhuma pessoa é a mesma de forma contínua. Realmente, não é necessário ser muito sábio para dar-se conta cabal das inumeráveis mudanças e contradições de cada sujeito...

Supor que alguém possui um eu permanente e imutável equivale, desde logo, a um abuso para com o próximo e para consigo mesmo.

Dentro de cada pessoa vivem muitas pessoas, muitos eus; isto o pode verificar por si mesma e de forma direta, qualquer pessoa desperta, consciente...

O QUERIDO EGO

- Capítulo 11 -

Como superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa, não é demais assentar o seguinte corolário: Eu superior e eu inferior são dois aspectos do mesmo ego tenebroso e pluralizado.

O denominado eu divino ou eu superior, alter ego ou algo do estilo, é, certamente, uma evasiva do mim mesmo, uma forma de auto-engano.

Quando o eu quer continuar aqui e no mais além, auto-engana-se com o falso conceito de um eu Divino Imortal...

Nenhum de nós tem um eu verdadeiro, permanente, imutável, eterno, inefável etc., etc., etc.

Nenhum de nós tem, na verdade, uma verdadeira e autêntica unidade de ser; infelizmente, nem sequer possuímos uma legítima individualidade.

O ego, ainda que continue mais além do sepulcro, tem, todavia, um princípio e um fim.

O ego, o eu, nunca é algo individual, unitário, unitotal. Obviamente, o eu são eus.

No Tibete Oriental os eus são denominados Agregados Psíquicos ou simplesmente valores; sejam estes últimos positivos ou negativos.

Se pensamos em cada eu como uma pessoa diferente, podemos asseverar, de forma enfática, o seguinte: Dentro de cada pessoa que vive no mundo, existem muitas pessoas.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas diferentes; algumas melhores, outras piores...

Cada um destes eus, cada uma destas pessoas, luta pela supremacia, quer ser exclusiva; controla o cérebro intelectual ou os centros emocional e motor, cada vez que pode, até que outro o substitui...

A doutrina dos muitos eus foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros clarividentes, pelos autênticos iluminados...

Cada um de nossos defeitos psicológicos está personificado em tal ou qual eu. Como temos milhares e até milhões de defeitos, evidentemente vive muita gente em nosso interior.

Em questões psicológicas pudemos evidenciar claramente que os sujeitos paranóicos, ególatras e mitômanos por nada na vida abandonariam o culto ao querido ego.

Inquestionavelmente, tais pessoas odeiam mortalmente a doutrina dos muitos eus.

Quando, de verdade, queremos conhecer-nos a nós mesmos, devemos auto-observar-nos e tratar de conhecer os diferentes eus que estão metidos dentro da personalidade.

Se algum de nossos leitores não compreende ainda essa doutrina dos muitos eus, deve-se exclusivamente à falta de prática em matéria de auto-observação.

À medida que praticamos a auto-observação interior vamos descobrindo, por nós mesmos, muitas pessoas, muitos eus que vivem dentro de nossa própria personalidade.

Aqueles que negam a doutrina dos muitos eus, aqueles que adoram a um eu divino, indubitavelmente, jamais se auto-observaram seriamente. Falando desta vez em estilo socrático, diremos que essas pessoas não só ignoram, senão, além disso, ignoram que ignoram.

Certamente jamais poderíamos conhecer a nós mesmos sem a auto-observação séria e profunda.

Enquanto um sujeito qualquer continue considerando-se como uno, é claro que qualquer mudança interior será algo mais que impossível.

A MUDANÇA RADICAL

- Capítulo 12 -

Enquanto um homem prosseguir com o erro de crer a si mesmo uno, único, individual, é evidente que a mudança radical será algo mais que impossível.

O fato mesmo de que o trabalho esotérico começa com a rigorosa observação de si mesmo, está nos indicando uma multiplicidade de fatos psicológicos, eus, ou elementos indesejáveis, que é urgente extirpar, erradicar de nosso interior.

Inquestionavelmente, de modo algum seria possível eliminar erros desconhecidos. Urge observar previamente aquilo que queremos separar de nossa Psique.

Este tipo de trabalho não é externo, senão interno; e aqueles que pensem que qualquer manual de etiqueta ou sistema ético externo e superficial poderá levá-los ao êxito estarão, de fato, totalmente equivocados.

O fato concreto e definitivo de que o trabalho íntimo comece com a atenção concentrada na observação plena de si mesmo é motivo mais que suficiente para demonstrar que isto exige um esforço pessoal muito particular de cada um de nós.

Falando francamente e sem rodeios, asseveramos, de forma enfática, o seguinte: Nenhum ser humano poderia fazer este tipo de trabalho por nós.

Não é possível mudança alguma em nossa psique, sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro.

Aceitar simplesmente a multiplicidade de erros, descartando a necessidade de estudo e observação direta dos mesmos, significa, de fato, uma evasiva ou escapatória, uma fuga de si mesmo, uma forma de auto-engano.

Só através do esforço rigoroso da observação judiciosa de si mesmo, sem escapatórias de nenhuma espécie, poderemos evidenciar realmente que não somos um, senão muitos.

Admitir a pluralidade do eu e evidenciá-la através da observação rigorosa são dois aspectos diferentes.

Alguém pode aceitar a doutrina dos muitos eus, sem jamais havê-lo evidenciado; este último só é possível auto-observando-se cuidadosamente.

Refugar o trabalho de observação íntima, buscar evasivas, é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem sustente a ilusão de que é sempre uma e a mesma pessoa, não pode mudar; e é óbvio que a finalidade deste trabalho é, precisamente, conseguir uma mudança gradual em nossa vida interior.

A transformação radical é uma possibilidade definida que normalmente se perde quando não se trabalha sobre si mesmo.

O ponto inicial da mudança radical permanece oculto, enquanto o homem continuar a crendo-se um.

Aqueles que rechaçam a doutrina dos muitos eus, demonstram, claramente, que jamais se auto-observaram seriamente.

A severa observação de si mesmo, sem escapatórias de nenhuma espécie, permite-nos verificar, por nós mesmos, o cru realismo de que não somos um, senão muitos.

No mundo das opiniões subjetivas, diversas teorias pseudo-esotéricas ou pseudo-ocultistas servem sempre de pretexto para a fuga de si mesmo...

Inquestionavelmente, a ilusão de que se é sempre uma e a mesma pessoa serve de obstáculo para a auto-observação...

Alguém poderia dizer: "Sei que não sou um senão muitos; a Gnose me ensinou". Tal afirmação, ainda que fosse muito sincera, se não existisse plena experiência vivida sobre esse aspecto doutrinário, obviamente seria algo meramente externo e superficial.

Evidenciar, experimentar e compreender é o fundamental; só assim é possível trabalhar conscientemente, para se conseguir uma mudança radical.

Afirmar é uma coisa e compreender é outra. Quando alguém diz: "Compreendo que não sou um, senão muitos", se sua compreensão é verdadeira e não mero palavrório insubstancial de fala ambígua, isto indica, assinala, acusa plena verificação da doutrina dos muitos eus.

Conhecimento e Compreensão são diferentes. O primeiro destes é da mente; o segundo, do coração.

O mero Conhecimento da doutrina dos muitos eus de nada serve. Desafortunadamente, por estes tempos em que vivemos, o Conhecimento foi muito mais além da compreensão; o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem, desenvolveu exclusivamente o conhecimento, esquecendo lamentavelmente o lado do Ser.

Conhecer a doutrina dos muitos eus e compreendê-la é fundamental para toda mudança radical verdadeira.

Quando um homem começa a se observar detidamente a si mesmo, desde o ângulo de que não é um, senão muitos, obviamente iniciou o trabalho sério sobre sua natureza interior.

OBSERVADOR E OBSERVADO

- Capítulo 13 -

É muito claro e não resulta difícil de compreender que, quando alguém começa a observar-se a si mesmo seriamente, partindo do princípio de que não é um, senão muitos, começa, realmente, a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro.

São óbices, obstáculos, tropeços para o trabalho de auto-observação íntima os seguintes defeitos psicológicos: Mitomania (delírio de grandeza, crer-se um Deus); Egoíatria (crença num eu permanente, adoração a qualquer espécie de alter ego); Paranóia (achar que sabe tudo, auto-suficiência, sabichonice, presunção, crer-se infalível, orgulho místico, pessoa que não sabe ver o ponto de vista alheio).

Quando se continua com a convicção absurda de que se é um, de que se possui um eu permanente, torna-se mais que impossível o trabalho sério sobre si mesmo.

Quem sempre se crê um, nunca será capaz de separar-se de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará cada pensamento, sentimento, desejo, emoção, paixão, afeto, etc., como funcionalismos diferentes, imodificáveis, de sua própria natureza e até se justificará ante os demais dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário...

Quem aceita a doutrina dos muitos eus compreende, à base de observação, que cada desejo, pensamento, ação, paixão, etc., corresponde a este ou outro eu distinto, diferente...

Qualquer atleta da auto-observação íntima trabalha muito seriamente dentro de si mesmo e se esforça por separar de sua psique os diversos elementos indesejáveis que carrega dentro.

Se alguém de verdade e muito sinceramente começa a se observar internamente, acaba dividindo-se em dois: Observador e Observado.

Se tal divisão não se produzisse, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na via maravilhosa do autoconhecimento.

Como poderíamos observar a nós mesmos, se cometêssemos o erro de não querer dividir-nos em Observador e Observado?

Se tal divisão não se produzisse, é óbvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do autoconhecimento.

Indubitavelmente, quando esta divisão não ocorre, continuamos identificados com todos os processos do eu pluralizado...

Quem se identifica com os diversos processos do eu pluralizado é sempre vítima das circunstâncias.

Agora, bem, ninguém pode começar a mudar radicalmente enquanto não for capaz de dizer: "Este desejo é um eu animal, que devo eliminar; este pensamento egoísta é outro eu que me atormenta e que necessito desintegrar; esse sentimento, que fere meu coração, é um eu intruso que necessito reduzir a poeira cósmica", etc., etc., etc.

Naturalmente, isto é impossível para quem nunca se dividiu em Observador e Observado.

Quem toma todos seus processos psicológicos como funcionalismos de um eu único, individual e permanente, encontra-se tão identificado com todos os seus erros, tem-nos tão unido a si mesmo, que perdeu, por tal motivo, a capacidade de separá-los de sua psique.

Obviamente, pessoas assim jamais podem mudar radicalmente; são pessoas condenadas ao mais rotundo fracasso.

PENSAMENTOS NEGATIVOS

- Capítulo 14 -

Pensar profundamente e com plena atenção resulta algo estranho nesta época involutiva e decadente.

Do centro intelectual surgem diversos pensamentos, provenientes, não de um eu permanente, como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, mas dos diferentes eus em cada um de nós.

Quando um homem está pensando, crê firmemente que ele em si mesmo e por si mesmo está pensando.

Não se quer dar conta o pobre mamífero intelectual que os múltiplos pensamentos que passam por seu entendimento têm sua origem nos diferentes eus que leva dentro.

Isto significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes; realmente, ainda não temos mente individual.

Sem dúvida, cada um dos diferentes eus que carregamos dentro, usa nosso centro intelectual; utiliza-o cada vez que pode para pensar.

Absurdo seria, pois, identificar-nos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial crendo-o propriedade particular.

Obviamente, este ou aquele pensamento negativo provém de qualquer eu que, num dado momento, usou abusivamente nosso centro intelectual.

Existem pensamentos negativos de distintas espécies: suspeita, desconfiança, má vontade para com outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes por amizades ou de tipo familiar, cobiça, luxúria, vingança, ira, orgulho, inveja, ódio, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula, etc., etc., etc...

Realmente, são tantos os defeitos psicológicos que possuímos que, ainda que tivéssemos um palato de aço e mil línguas para falar, não conseguiríamos enumerá-los cabalmente.

Como seqüência, ou corolário do antes dito, resulta descabido identificarmo-nos com os pensamentos negativos.

Como não é possível que exista efeito sem causa, afirmamos solenemente que nunca um pensamento poderia existir por si mesmo, por geração espontânea...

A relação entre pensador e pensamento é evidente. Cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente.

Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos quantos pensamentos da mesma índole.

Vista a questão sob o ângulo pluralizado de "Pensadores e Pensamentos", sucede que cada um dos eus que carregamos em nossa psique é certamente um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós existem demasiados pensadores. Não obstante, cada um destes, apesar de ser tão só parte, crê-se o todo num dado momento...

Os mitômanos, os ególatras, os narcisistas, os paranóicos, nunca aceitariam a tese da "pluralidade de pensadores", porque se querem demasiado a si mesmos; sentem-se "o papai do Tarzan" ou "a mamãe dos pintinhos"...

Como poderiam tais pessoas anormais aceitar a idéia de que não possuem uma mente individual, genial, maravilhosa?...

Não obstante, tais sabichões pensam de si mesmos o melhor, e até se vestem com a túnica de Arístipo para demonstrar sabedoria e humildade...

Conta à lenda dos séculos que Arístipo, querendo demonstrar sabedoria e humildade, vestiu-se com uma velha túnica cheia de remendos e buracos; empunhou com a mão direita o bastão da filosofia e se foi pelas ruas de Atenas...

Dizem que, quando Sócrates o viu vindo, exclamou com grande voz: "Ó Arístipo, vê-se tua vaidade através dos buracos de tua vestidura!".

Quem não vive sempre em estado de alerta novidade, alerta percepção, pensando que está pensando, facilmente se identifica com qualquer pensamento negativo.

Como resultado disto, fortalece, lamentavelmente, o poder sinistro do eu negativo, autor do correspondente pensamento em questão.

Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, tanto mais escravos seremos do correspondente eu que o caracteriza.

Com relação à Gnose, ao caminho secreto, ao trabalho sobre si mesmo, nossas tentações particulares encontram-se precisamente nos eus que odeiam a Gnose, o trabalho esotérico; porque não ignoram que sua existência dentro de nossa psique está mortalmente ameaçada pela Gnose e pelo Trabalho.

Esses eus negativos e brigões apoderam-se facilmente de certos "rolos" mentais armazenados em nosso Centro Intelectual e originam seqüencialmente correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitarmos esses pensamentos, esses eus negativos que num dado momento controlam nosso centro intelectual seremos, então, incapazes de livrar-nos de seus resultados.

Jamais devemos esquecer que todo eu negativo se auto-engana e engana. Conclusão: **Mente.**

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se desilude da Gnose, do trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e abandona o melhor, é óbvio que foi enganado por algum eu negativo.

O eu negativo do adultério aniquila os nobres lares e torna desgraçados os filhos.

O eu negativo dos ciúmes engana os seres que se adoram e destrói suas felicidades.

O eu negativo do orgulho místico engana os devotos do Caminho e estes, sentindo-se sábios, aborrecem a seu Mestre ou o atraíam...

O eu negativo apela para nossas experiências pessoais, nossas recordações, nossos melhores anelos, nossa sinceridade, e, mediante uma rigorosa seleção de tudo isto, apresenta algo sob uma falsa luz, algo que fascina, e vem o fracasso...

Não obstante, quando alguém descobre o eu em ação, quando aprendeu a viver em estado de alerta, tal engano faz-se impossível...

INDIVIDUALIDADE

- Capítulo 15 -

Crer-se uno, certamente, é uma brincadeira de muito mau gosto; desafortunadamente, esta vã ilusão existe dentro de cada um de nós.

Lamentavelmente, sempre pensamos de nós mesmos o melhor, jamais nos ocorre compreender que nem sequer possuímos verdadeira individualidade.

O pior do caso é que até nos damos ao falso luxo de supor que cada um de nós goza de plena Consciência e vontade própria.

Pobres de nós! Quão néscios somos! Não há dúvida de que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem muitos milhares de indivíduos diferentes, sujeitos distintos; eus ou pessoas que brigam entre si, que pelejam pela supremacia e que não têm ordem ou concordância alguma.

Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão diferente seria a vida...

Mas, para cúmulo de nosso infortúnio, as emoções negativas e as autoconsiderações e amor próprio nos fascinam, nos hipnotizam, jamais nos permitem recordarmo-nos de nós mesmos, ver-nos tal qual somos...

Creemos ter uma só vontade, quando na realidade possuímos muitas vontades diferentes (cada eu tem a sua).

A tragicomédia de toda esta multiplicidade interior resulta pavorosa; as diferentes vontades interiores chocam-se entre si; vivem em conflito contínuo; atuam em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira individualidade, se possuíssemos uma unidade em vez de uma multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta, vontade particular individual.

Mudar é o indicado; entretanto, devemos começar por sermos sinceros conosco mesmos.

Necessitamos fazer um inventário psicológico sobre nós mesmos para conhecer o que nos sobra e o que nos falta.

É possível conseguir a individualidade; mas, se cremos tê-la, tal possibilidade desaparecerá.

É evidente que jamais lutaríamos para conseguir algo que cremos ter. A fantasia nos faz crer que somos possuidores da individualidade, e até existem, no mundo, escolas que assim o ensinam.

É urgente lutar contra a fantasia; esta nos faz crer que somos isto ou aquilo, quando na realidade somos miseráveis, desavergonhados e perversos.

Pensamos que somos homens, quando, de verdade, somos tão só mamíferos intelectuais desprovidos de individualidade.

Os mitômanos se crêem deuses, mahatmas, etc., sem suspeitar, sequer, que nem sequer têm mente individual e vontade consciente.

Os ególatras adoram tanto a seu querido ego, que nunca aceitariam a idéia da multiplicidade de egos dentro de si mesmos.

Os paranóicos, com todo o orgulho clássico que os caracteriza, nem sequer lerão este livro...

É indispensável travarmos uma luta de morte contra a fantasia acerca de nós mesmos, se é que não queremos ser vítimas de emoções artificiais e experiências falsas que, além de colocar-nos em situações ridículas, detêm toda possibilidade de desenvolvimento interior.

O animal intelectual está tão hipnotizado por sua fantasia que sonha que é leão ou águia, quando na verdade não é mais que um vil gusano do lodo da terra.

O mitômano jamais aceitaria estas afirmações feitas linhas acima; obviamente ele se sente aqui-hierofante, não importa o que digam, sem suspeitar que a fantasia é meramente nada; nada, senão fantasia.

A fantasia é uma força real que atua universalmente sobre a humanidade e que mantém o humanoíde intelectual em estado de sonho, fazendo-o crer que já é homem, que possui verdadeira individualidade, vontade, Consciência desperta, mente particular etc., etc., etc...

Quando pensamos que somos um, não podemos mover-nos de onde estamos em nós mesmos, permanecemos estancados e, por fim, degeneramos, involucionamos.

Cada um de nós se encontra em determinada etapa psicológica, e não poderemos sair da mesma, a menos que descubramos diretamente todas essas pessoas ou eus que vivem dentro de nossa pessoa.

É claro que, mediante a auto-observação íntima, poderemos ver as pessoas que vivem em nossa psique e que necessitamos eliminar para lograr a transformação radical.

Esta percepção, esta auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que sobre nós tínhamos e, como resultado, evidenciamos o fato concreto de que não possuímos verdadeira individualidade.

Enquanto não nos auto-observemos, viveremos na ilusão de que somos um e, como conseqüência, nossa vida será equivocada.

Não é possível relacionar-nos corretamente com nossos semelhantes, enquanto não se realize uma mudança interior no fundo de nossa psique.

Qualquer mudança íntima exige a eliminação prévia dos eus que levamos dentro de nós.

De nenhuma maneira poderíamos eliminar tais eus se não os observamos em nosso interior.

Aqueles que se sentem um, que pensam de si mesmos o melhor, que nunca aceitariam a doutrina dos muitos, tampouco desejam observar os eus e, portanto, qualquer possibilidade de mudança torna-se impossível para eles.

Não é possível mudar se não se elimina; mas, quem se sente possuidor da individualidade, se aceitasse que deve eliminar, ignoraria, realmente, o que é que deve eliminar.

Entretanto, não devemos esquecer que quem crê ser uno, auto-enganado, crê, sim, que sabe o que eliminar; quando, em verdade, nem sequer sabe que não sabe; é um ignorante ilustrado.

Necessitamos desegoistizar-nos para nos individualizar; mas, quem crê que possui a individualidade é impossível que possa desegoistizar-se.

A individualidade é sagrada em cem por cento, raros são os que a têm; mas todos pensam que a têm.

Como poderíamos eliminar os múltiplos eus, se cremos que temos um eu único?

Certamente só quem jamais se auto-observou seriamente pensa que tem um eu único.

Devemos, entretanto, ser muito claros neste ensinamento, porque existe o perigo psicológico de se confundir a individualidade autêntica com o conceito de alguma espécie de eu superior, ou algo do estilo.

A individualidade sagrada está muito além de qualquer forma de eu, é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

A legítima individualidade é o Ser, e a razão de Ser do Ser é o mesmo Ser.

Distinga-se entre o Ser e o Eu. Aqueles que confundem o Eu com o Ser certamente nunca se auto-observaram seriamente.

Enquanto a Essência, a Consciência, continue engarrafada dentro de todo esse conjunto de eus que levamos dentro, a mudança radical será algo mais que impossível.

O LIVRO DA VIDA

- Capítulo 16 -

Uma pessoa é o que é a sua vida. Isso que continua mais além da morte é a vida. Este é o significado do Livro da vida, que se abre com a morte.

Vendo esta questão de um ponto de vista estritamente psicológico, um dia qualquer de nossa Vida é, realmente, uma pequena réplica da totalidade da vida.

De tudo isto podemos inferir o seguinte: Se um homem não trabalha sobre si mesmo hoje, não mudará nunca.

Quando se afirma que se quer trabalhar sobre si mesmo, e não se trabalha hoje, adiando para amanhã, tal afirmação será um simples projeto e nada mais, porque no hoje está a réplica de toda a nossa vida.

Existe, por aí, um dito popular que diz: "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje mesmo".

Se um homem diz: "Trabalharei sobre mim mesmo, amanhã", nunca trabalhará sobre si mesmo, porque sempre haverá um amanhã.

Isto é muito similar a certo aviso, anúncio, ou letreiro, que alguns comerciantes põem em suas lojas: "Fiado, só amanhã".

Quando algum necessitado chega para solicitar crédito, encontra o terrível aviso; volta no outro dia, e encontra outra vez o desdito aviso, ou letreiro.

Isto é o que se chama, em psicologia, a enfermidade do amanhã. Enquanto um homem diga amanhã, nunca mudará.

Necessitamos com urgência máxima e inadiável trabalhar sobre nós mesmos hoje, não sonhar preguiçosamente com um futuro ou com uma oportunidade extraordinária.

Esses que dizem: "Vou antes fazer isto ou aquilo, e depois trabalharei", jamais trabalharão sobre si mesmos. Esses são os moradores da terra, citados nas Sagradas Escrituras.

Conheci um poderoso latifundiário que dizia: "Primeiro necessito cercar-me economicamente e depois trabalharei sobre mim mesmo".

Quando ficou mortalmente doente, fui visitá-lo e lhe fiz a seguinte pergunta: " Ainda queres cercar-te?"

"Lamento de verdade haver perdido o tempo", me respondeu. Dias depois morreu, depois de haver reconhecido seu erro.

Aquele homem tinha muitas terras; porém queria apossar-se das propriedades vizinhas, "cercar-se", a fim de que sua fazenda ficasse limitada exatamente por quatro caminhos.

"Basta a cada dia o seu afã!". Disse o Grande Kabir Jesus. Devemos auto-observar-nos hoje mesmo, no tocante ao dia sempre recorrente, miniatura de nossa Vida inteira.

Quando um homem começa a trabalhar sobre si mesmo, hoje mesmo; quando observa seus desgostos e penas, marcha pelo caminho do êxito.

Não seria possível eliminar o que não conhecemos. Devemos observar antes nossos próprios erros.

Necessitamos não só conhecer nosso dia, senão também a relação com o mesmo. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta diretamente, exceto os acontecimentos insólitos, inusitados.

Resulta interessante observar a recorrência diária; a repetição de palavras e acontecimentos na vida de cada pessoa, etc.

Essa repetição ou recorrência de eventos e palavras merece ser estudada, pois nos conduz ao autoconhecimento.

CRIATURAS MECÂNICAS

- Capítulo 17 -

De maneira alguma poderíamos negar a Lei de Recorrência processando-se em cada momento de nossa vida.

Certamente, em cada dia de nossa existência existe repetição de eventos, estados de consciência, palavras, desejos, pensamentos, volições, etc.

É óbvio que, quando não nos auto-observamos, não nos podemos dar conta desta incessante repetição diária.

Resulta evidente que quem não sente interesse algum por observar-se a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação radical.

Para o cúmulo dos cúmulos, existem pessoas que querem se transformar sem trabalhar sobre si mesmos.

Não negamos o fato de que cada qual tem o direito à real felicidade do espírito; mas também é certo que tal felicidade seria algo mais do que impossível se não trabalhássemos sobre nós mesmos.

Podemos mudar intimamente quando, realmente, conseguimos modificar nossas reações ante os diversos fatos que nos sucedem diariamente.

No entanto, não poderíamos modificar nossa forma de reagir ante os fatos da vida prática se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Necessitamos mudar nossa maneira de pensar, ser menos negligentes, tornar-nos mais sérios e tomar a vida de forma diferente, em seu sentido real e prático.

Entretanto, se continuamos assim tal como estamos, comportando-nos da mesma forma todos os dias, repetindo os mesmos erros, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança ficará de fato eliminada.

Se, de verdade, queremos chegar a nos conhecer a nós mesmo, devemos começar por observar nossa própria conduta ante os acontecimentos de qualquer dia da vida.

Não queremos dizer, com isto, que não devam observar-nos a nós mesmos diariamente; só queremos afirmar que devemos começar por observar um primeiro dia.

Em tudo deve haver um começo; e começar por observar nossa conduta em qualquer dia de nossa vida é um bom começo.

Observar nossas reações mecânicas ante todos esses pequenos detalhes do quarto, lar, sala de jantar, casa, rua, trabalho, etc., etc., etc., o que dizemos, sentimos e pensamos, é certamente, o mais indicado.

O importante é ver logo como ou de que maneira podemos mudar essas reações; mas, se cremos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma inconsciente e equivocada, nunca mudaremos.

Antes de tudo necessitamos compreender que somos pessoas-máquina, simples marionetes controladas por agentes secretos, por eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas; nunca somos idênticos. Às vezes se manifesta, em nós, uma pessoa mesquinha; outras vezes, uma pessoa irritável; em qualquer outro instante uma pessoa esplêndida, benevolente; mais tarde uma pessoa escandalosa ou caluniadora; depois um santo; logo, um embusteiro, etc.

Temos gente de toda classe dentro de cada um de nós; eus de toda espécie. Nossa personalidade não é mais que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Começemos por comportar-nos conscientemente durante uma pequena parte do dia. Necessitamos deixar de ser simples máquinas, ainda que durante uns breves minutos diários; isto influirá decisivamente sobre nossa existência.

Quando nos auto-observamos e não fazemos o que tal ou qual eu quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas.

Um só momento em que se está bastante consciente como para deixar de ser máquina, se se o faz voluntariamente, sói modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Desgraçadamente, vivemos diariamente uma vida mecanicista, rotineira, absurda. Repetimos acontecimentos; nossos hábitos são os mesmos, nunca quisemos modificá-los. São os trilhos mecânicos por onde circula o trem de nossa miserável existência. No entanto, pensamos de nós o melhor...

Por toda parte abundam os mitômanos, os que se crêem deuses; criaturas mecânicas, rotineiras, personagens do lodo da terra; míseros bonecos movidos por diversos eus; pessoas assim não trabalharão sobre si mesmas.

O PÃO SUBERSUBSTANCIAL

- Capítulo 18 -

Se observarmos cuidadosamente qualquer dia de nossa vida, veremos que de fato não sabemos viver conscientemente.

Nossa vida parece um trem em marcha, movendo-se nos trilhos fixos dos hábitos mecânicos, rígidos, de uma existência vã e superficial.

O curioso do caso é que jamais nos ocorre modificar os hábitos; parece que não nos cansamos de estar repetindo sempre o mesmo.

Os hábitos nos mantêm petrificados; mas, pensamos que somos livres; somos espantosamente feios; mas, nos cremos Apolos...

Somos gente mecânica; motivo mais que suficiente para carecer de todo sentimento verdadeiro do que estamos fazendo na vida.

Movemo-nos, diariamente, dentro dos velhos trilhos de nossos hábitos antiquados e absurdos; e, assim, é claro que não temos uma verdadeira vida; em vez de viver, vegetamos miseravelmente e não recebemos novas impressões.

Se uma pessoa iniciasse seu dia conscientemente, é claro que tal dia seria muito diferente dos outros.

Quando tomamos a totalidade de nossa vida como o mesmo dia que estamos vivendo; quando não deixamos para amanhã o que devemos fazer hoje mesmo, chegamos realmente a conhecer o que significa trabalhar sobre nós mesmo.

Jamais um dia carece de importância; se, de verdade, queremos transformar-nos radicalmente, devemos ver-nos, observar-nos e compreender-nos diariamente.

Entretanto, as pessoas não se querem ver a si mesmas. Alguns, tendo vontade de trabalhar sobre si mesmos, justificam sua negligência com frases como a seguinte: "O trabalho no escritório não me permite trabalhar sobre mim mesmo". Palavras sem sentido, ocas, vãs, absurdas, que só servem para justificar a indolência, a preguiça, a falta de amor pela Grande Causa.

É óbvio que pessoas assim, ainda que tenham muitas inquietudes espirituais, não mudarão nunca.

Observar-nos a nós mesmos é urgente, inadiável impostergável. A auto-observação íntima é fundamental para a mudança verdadeira.

Qual é seu estado psicológico ao se levantar? Qual é seu estado de ânimo durante o desjejum? Esteve impaciente com o empregado? Com a esposa? Por que esteve impaciente? O que é que sempre te transtorna?, etc.

Fumar ou comer menos não é toda a mudança; mas, sim, indica certo avanço. Bem sabemos que o vício e a glotoneria são inumanos e bestiais.

Não está bem que alguém, dedicado ao Caminho Secreto, tenha um corpo físico excessivamente gordo e com um ventre avolumado e fora de toda eurritmia de perfeição. Isto indicaria glunoteria, gula, e até preguiça.

A vida cotidiana, a profissão, o emprego, ainda que vitais para a existência, constituem o sonho da Consciência.

Saber que a vida é sonho não significa havê-lo compreendido. A compreensão vem com a auto-observação e o trabalho intenso sobre si mesmo.

Para trabalhar sobre si, é indispensável trabalhar sobre sua vida diária, hoje mesmo; e então se compreenderá o que significa aquela frase da Oração do Senhor: "O Pão nosso de cada dia, nos dai hoje".

A expressão "cada dia" significa o Pão Supersubstancial em grego; ou o Pão do Alto.

A Gnose nos dá esse pão de vida no duplo sentido de idéias e forças que nos permitem desintegrar erros psicológicos.

Cada vez que reduzimos a poeira cósmica tal ou qual eu, ganhamos experiência psicológica; comemos o pão da sabedoria; recebemos um novo conhecimento.

A Gnose nos oferece o pão supersubstancial, o pão da sabedoria, e nos assinala com precisão a nova vida que começa em nós mesmos, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Agora, bem, ninguém pode alterar sua vida ou mudar coisa alguma relacionada com as reações mecânicas da existência, a menos que conte com a ajuda de novas idéias e receba auxílio Divinal.

A Gnose dá essas novas idéias e ensina o *modus operandi*, mediante o qual podemos ser assistidos por forças superiores à mente.

Necessitamos preparar os centros inferiores de nosso organismo, para receber as idéias e forças que vêm dos centros superiores.

No trabalho sobre si mesmo não existe nada depreciável. Qualquer pensamento, por insignificante que seja, merece ser observado. Qualquer emoção negativa, reação, etc., deve ser observada.

O BOM DONO DE CASA

- Capítulo 19 -

Separar-se dos efeitos desastrosos da vida, nestes tempos tenebrosos, certamente é muito difícil, mas indispensável; de outro modo se é devorado pela vida.

Qualquer trabalho que se faça sobre si mesmo, com o propósito de conseguir um desenvolvimento anímico e espiritual, relaciona-se sempre com o isolamento - muito bem entendido - pois, sob a influência da vida tal como sempre a vivemos, não é possível desenvolver outra coisa que a personalidade.

De modo algum intencionamos opor-nos ao desenvolvimento da personalidade; obviamente esta é necessária na existência, mas, certamente é algo meramente artificial; não é o verdadeiro, o Real em nós.

Se o pobre mamífero intelectual, equivocadamente chamado homem, não se isola, senão que se identifica com os acontecimentos da vida prática e dissipa suas forças em emoções negativas, em auto-considerações pessoais e no vão palavreiro insubstancial da charla ambígua, nada edificante, nenhum elemento real pode desenvolver-se nele, exceto o que pertence ao mundo da mecanicidade.

Certamente, quem quiser, de verdade, lograr em si o desenvolvimento da Essência, deve chegar a estar hermeticamente fechado. Isto se refere a algo íntimo estreitamente relacionado com o silêncio.

A frase vem dos antigos tempos, quando se ensinava, secretamente, uma doutrina sobre o desenvolvimento interior do homem, vinculada com o nome de Hermes.

Se alguém quer que algo real cresça na sua interioridade, é claro que deve evitar escape de suas energias psíquicas.

Quando temos escapes de energia e não estamos isolados em nossa intimidade, é inquestionável que não poderemos lograr o desenvolvimento de algo real em nossa psique.

A vida ordinária, comum e corrente, quer devorar-nos implacavelmente; nós devemos lutar contra a vida diariamente; devemos aprender a nadar contra a correnteza...

Este trabalho vai contra a vida; trata-se de algo muito diferente do de todos os dias, e que, contudo, devemos praticar de instante a instante. Quero referir-me à Revolução da Consciência.

É evidente que, se nossa atitude para com a vida diária é fundamentalmente equivocada; se acreditamos que tudo deve marchar bem, assim porque sim, virão os desenganos.

As pessoas querem que as coisas lhes saiam bem, assim porque sim, porque tudo deve marchar de acordo com seus planos; mas, a crua realidade é diferente; enquanto não mudarmos interiormente, gostemos ou não gostemos, seremos sempre vítima das circunstâncias.

Fala-se e escreve-se sobre a vida muitas estupidezas sentimentais; mas este Tratado de Psicologia Revolucionária é diferente.

Esta doutrina vai ao grão, aos fatos concretos, claros e definitivos; afirma, enfaticamente, que o animal intelectual equivocadamente chamado homem, é um bípede mecânico, inconsciente, adormecido.

O bom dono de casa jamais aceitaria a Psicologia Revolucionária; cumpre com todos os seus deveres como pai, esposo, etc., e por isso pensa o melhor de si mesmo. Entretanto, só serve aos fins da natureza, e isso é tudo.

Por oposição, diremos que também existe o Bom Dono de Casa que nada contra a correnteza; que não se quer deixar devorar pela vida. Mas, estes sujeitos são muito escassos no mundo; não abundam nunca.

Quando alguém pensa de acordo com as idéias deste Tratado de Psicologia Revolucionária obtém uma correta visão da vida

OS DOIS MUNDOS

- Capítulo 20 -

Observar e observar-se a si mesmo são duas coisas completamente diferentes; contudo, ambas exigem atenção.

Na observação, a atenção é orientada para fora, para o mundo exterior, através das janelas dos sentidos.

Na auto-observação de si mesmo, a atenção é orientada para dentro; e para isso os sentidos de percepção externa não servem. Motivo este mais que suficiente para que seja difícil ao neófito a observação de seus processos psicológicos íntimos.

O ponto de partida da ciência oficial, em seu lado prático, é o observável. O ponto de partida do trabalho sobre si mesmo é a auto-observação, o auto-observável.

Inquestionavelmente, estes dois pontos de partida nas linhas acima citados levam-nos a direções completamente diferentes.

Alguém poderia envelhecer, engarrafado nos dogmas intransigentes da ciência oficial, estudando fenômenos externos, observando células, átomos, moléculas, sóis, estrelas, cometas, etc., sem experimentar dentro de si mesmo nenhuma mudança radical.

A classe de conhecimento que transforma interiormente a alguém jamais poderia ser conseguida mediante a observação externa

O verdadeiro conhecimento, aquele que realmente pode originar em nós uma mudança interior fundamental tem por embasamento a auto-observação direta de si mesmo.

É urgente dizer aos nossos estudantes gnósticos que se observem a si mesmos e em que sentido se devem auto-observar e as razões para isso.

A observação é um meio para modificar as condições mecânicas do mundo. A auto-observação interior é um meio para mudarmos intimamente.

Como conseqüência, ou corolário, de tudo isto, podemos e devemos afirmar, de forma enfática, que existem duas classes de conhecimento: o externo e o interno; e que, a menos que tenhamos, em nós mesmos, o centro magnético que possa diferenciar as qualidades do conhecimento, esta mescla dos dois planos ou ordens de idéias poderia levar-nos à confusão.

Sublimes doutrinas pseudo-esotéricas, com marcado cientificismo como pano de fundo, pertencem ao terreno do observável. No entanto, são aceitas, por muitos aspirantes, como conhecimento interno.

Encontramo-nos, pois, ante dois mundos, o exterior e o interior. O primeiro destes é percebido pelos sentidos de percepção externa; o segundo só pode ser percebido mediante o sentido da auto-observação interna.

Pensamentos, idéias, emoções, anseios, esperanças, desenganos, etc., são interiores, invisíveis para os sentidos ordinários; no entanto, são mais reais que a mesa de refeição ou as poltronas da sala.

Certamente, nós vivemos mais em nosso mundo interior que no exterior; isto é irrefutável, irrefutável.

Em nossos Mundos Internos, em nosso mundo secreto, amamos, desejamos, suspeitamos, bendizemos, maldizemos, anelamos, sofremos, gozamos, somos defraudados, premiados, etc., etc., etc.

Inquestionavelmente, os dois mundos, interno e externo, são verificáveis experimentalmente. O mundo exterior é o observável. O mundo interior é o auto-observável em si mesmo e dentro de si mesmo, aqui e agora.

Quem de verdade quiser conhecer os Mundos Internos do Planeta Terra, do Sistema Solar ou da Galáxia em que vivemos, deve conhecer previamente seu mundo íntimo, sua vida interior, particular, seus próprios Mundos Internos. **“Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses”**.

Quanto mais se explore este mundo interno, chamado si mesmo, mais se compreenderá que se vive simultaneamente em dois mundos, em duas realidades, em dois âmbitos: o exterior e o interior.

Do mesmo modo que nos é indispensável aprender a caminhar no mundo exterior, para não cair em um precipício, não nos extraviar nas ruas da cidade, selecionar nossas amizades, não nos associar com perversos, não comer veneno, etc., assim também, mediante o trabalho psicológico sobre nós mesmos, aprendemos a caminhar no mundo interior, o qual é explorável mediante a auto-observação de si.

Realmente, o sentido de auto-observação de si mesmo encontra-se atrofiado na raça humana decadente desta época tenebrosa em que vivemos.

À medida que perseveramos na auto-observação de nós mesmos, o sentido de auto-observação íntima irá se desenvolvendo progressivamente.

OBSERVAÇÃO DE SI MESMO

- Capítulo 21 -

A auto-observação íntima de si mesmo é um meio prático para lograr uma transformação radical.

Conhecer e observar são diferentes. Muitos confundem a observação de si com o conhecer. Temos conhecimento que estamos sentados numa cadeira em uma sala; mas isto não significa que estejamos observando a cadeira.

Conhecemos que, num dado instante, nos encontramos num estado negativo; talvez com algum problema ou preocupados por este ou aquele assunto; ou em estado de desassossego ou incerteza, etc. Mas isto não significa que o estejamos observando.

Sente você antipatia por alguém? Cai-lhe mal certa pessoa? Por quê? Você dirá que conhece essa pessoa... Por favor! Observe-a; conhecer nunca é observar; não confunda o conhecer com o observar...

A observação de si, que é cem por cento ativa, é um meio de mudança de si; enquanto conhecer, que é passivo, não o é.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção dirigida para dentro de nós mesmos, para o que está sucedendo em nosso interior, sim, é algo positivo, ativo...

No caso de uma pessoa pela qual se tem antipatia, assim porque sim, porque nos vem na gana e, muitas vezes, sem motivo algum, advertimos (observemos) a multidão de pensamentos que se acumulam na mente, o grupo de vozes que falam e gritam desordenadamente dentro de nós mesmos, o que estão dizendo, as emoções desagradáveis que surgem em nosso interior, o sabor desagradável que tudo isto deixa em nossa psique, etc., etc., etc.

Obviamente, em tal estado nos damos conta, também, de que interiormente estamos tratando muito mal a pessoa pela qual temos antipatia.

Mas para ver tudo isto, necessita-se, inquestionavelmente, de uma atenção dirigida intencionalmente para dentro de si mesmo; não de uma atenção passiva.

A atenção dinâmica provém, realmente, do lado observante, enquanto os pensamentos e as emoções pertencem ao lado observado.

Tudo isto nos faz compreender que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico, em contraste evidente com a observação de si, que é um ato consciente.

Não queremos, com isto, dizer que não exista a observação mecânica de si; mas tal tipo de observação nada tem a ver com a auto-observação psicológica a que nos estamos referindo.

Pensar e observar são, também, muito diferentes. Qualquer sujeito pode dar-se ao luxo de pensar sobre si mesmo tudo o que quiser, porém isto não quer dizer que se esteja observando realmente.

Necessitamos ver os diferentes eus em ação; descobri-los em nossa psique; compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria Consciência; arrependernos de havê-los criado, etc.

Então exclamaremos: “Mas que está fazendo este eu? Que está dizendo? O que é que quer? Por que me atormenta com sua luxúria? Com sua ira? Etc., etc., etc.

Muitas vezes, antes de dormirmos, no preciso instante de transição entre a vigília e o sono, sentimos, dentro de nossa própria mente, diferentes vozes que falam entre si; são os diferentes eus que devem romper, em tais momentos, toda conexão com os diferentes centros de nossa máquina orgânica, a fim de submergir, logo, no mundo molecular, na quinta dimensão.

A TAGARELICE

- Capítulo 22 -

Resulta urgente, inadiável, impostergável observar a tagarelíce interior e o lugar preciso de onde provém.

Inquestionavelmente, a tagarelíce interior equivocada é a *causa causorum* de muitos estados psíquicos inarmônicos e desagradáveis no presente e também no futuro.

Obviamente, esse vão palavrório insubstancial de charla ambígua e, em geral, toda conversa prejudicial, daninha, absurda, manifestada no mundo exterior tem sua origem na conversação interior equivocada.

Sabe-se que existe, na Gnose, a prática esotérica do silêncio inteiro; isto o conhecem nossos discípulos de terceira câmara.

Não é demais dizer, com inteira claridade, que o silêncio interior deve referir-se especificamente a algo muito preciso e definido.

Quando o processo do pensar se esgota intencionalmente, durante a meditação interior profunda, consegue-se o silêncio interior; mas não é isto o que queremos explicar no presente capítulo.

Esvaziar a mente, ou pô-la em branco, para conseguir realmente o silêncio interior, tampouco é o que intentamos explicar agora nestes parágrafos.

Praticar o silêncio interior a que nos estamos referindo tampouco significa impedir que algo penetre na mente.

Realmente estamos falando agora de um tipo de silêncio interior muito diferente. Não se trata de algo vago e geral.

Queremos praticar o silêncio interior em relação com algo que já esteja na mente; pessoa, acontecimento, assunto próprio ou alheio, o que nos consta, o que fez fulano, etc., porém, sem tocá-lo com a língua interior, sem discurso íntimo.

Aprender a calar não somente com a língua exterior, mas também, além disso, com a língua secreta, interna, resulta extraordinário, maravilhoso.

Muitos calam exteriormente, mas com sua língua interior esfolam vivo ao próximo. A tagarelíce interior, venenosa e malévola, produz confusão interior.

Se observarmos a tagarelíce interior equivocada, veremos que está feita de meias verdades, ou de verdades que se relacionam entre si de um modo mais ou menos incorreto, ou algo que se agregou ou se omitiu.

Desgraçadamente, nossa vida emocional se fundamente, exclusivamente, na auto-simpatia.

Para o cúmulo de tanta infâmia, só simpatizamos conosco mesmos, com nosso tão querido ego; e sentimos antipatia e até ódio daqueles que não simpatizam conosco.

Nós nos queremos demasiado a nós mesmos; somos narcisistas em cem por cento. Isto é irrefutável, irrefutável.

Enquanto continuemos engarrafados na auto-simpatia, qualquer desenvolvimento do Ser se faz algo mais que impossível.

Necessitamos aprender a ver o ponto de vista alheio. É urgente saber pôr-nos na posição dos outros.

“Assim é que, todas as coisas que queirais que os homens façam convosco, assim, também, fazei-o nós com eles” (Matheus VII, 12).

O que verdadeiramente conta nestes estudos é a maneira como os homens se comportam interna e invisivelmente uns com os outros.

Desafortunadamente e ainda que sejamos muito corteses e até sinceros, às vezes, não há dúvida de que, invisível e internamente, nos tratamos muito mal uns aos outros.

Pessoas, aparentemente muito bondosas, arrastam diariamente seus semelhantes até a cova secreta de si mesmos para fazer, com estes, todos os seus caprichos (vexames, burla, escárnio, etc.).

O MUNDO DAS RELAÇÕES

- Capítulo 23 -

O mundo das relações tem três aspectos muito diferentes que, de forma precisa, necessitamos esclarecer.

Primeiro: Estamos relacionados com o corpo planetário, ou seja, com o corpo físico.

Segundo: Vivemos no planeta Terra e, por consequência lógica, estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões atinentes a nós: familiares, negócios, finanças, questões do ofício, profissão, política, etc., etc., etc.

Terceiro: a relação do homem consigo mesmo. Para a maioria das pessoas este tipo de relação não tem a menos importância.

Desafortunadamente, às pessoas só lhes interessam os dois primeiros tipos de relações, olhando com a mais absoluta indiferença o terceiro tipo.

Alimento, saúde, dinheiro, negócios constituem realmente as principais preocupações do animal intelectual, equivocadamente chamado homem.

Agora, bem, resulta evidente que tanto o corpo físico como os assuntos do mundo são exteriores a nós mesmos.

O corpo planetário (corpo físico) às vezes se encontra enfermo, às vezes, saudável e assim sucessivamente.

Cremos sempre ter algum conhecimento do nosso corpo físico; mas, na realidade, nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso.

Não há dúvida que o corpo físico, dada sua tremenda e complicada organização, está, certamente, muito mais além da nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias. É lamentável que ainda não tenhamos aprendido a originar, conscientemente, as circunstâncias.

São muitas as pessoas incapazes de se adaptar a nada, ou a ninguém, ou ter êxito verdadeiro na vida.

Ao pensar em nós mesmos, do ângulo do trabalho esotérico gnóstico, faz-se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode suceder o caso concreto de que estejamos equivocadamente relacionados com o corpo físico e, em consequência disto, estejamos enfermos.

Pode suceder que estejamos mal relacionados com o mundo exterior e, como resultado, tenhamos conflitos, problemas econômicos e sociais, etc., etc., etc.

Pode ser que estejamos mal relacionados conosco mesmos e, conseqüentemente, soframos muito por falta de iluminação interior.

Obviamente, se a lâmpada de nosso aposento não se encontra conectada com a instalação elétrica, nosso aposento estará em trevas.

Aqueles que sofrem por falta de iluminação interior devem conectar sua mente com os centros superiores do seu Ser.

Inquestionavelmente, necessitamos estabelecer corretas relações não só com o nosso corpo planetário (corpo físico) e com o mundo exterior, senão, também, com cada uma das partes do nosso próprio Ser.

Os enfermos pessimistas, cansados de tantos médicos e remédios, já não se desejam curar; os pacientes otimistas lutam por viver.

No Cassino de Monte Carlo muitos milionários que perderam sua fortuna no jogo suicidaram-se. Milhões de mães pobres trabalham para sustentar seus filhos.

São incontáveis os aspirantes deprimidos que, por falta de poderes psíquicos e de iluminação íntima, renunciaram ao trabalho esotérico sobre si mesmo. Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades.

Em tempos de rigorosa tentação, abatimento e desolação, deve-se apelar para a íntima recordação de si mesmo.

No fundo de cada um de nós está a TONANTZIN asteca, a STELLA MARIS, a ÍSIS egípcia, Deus-Mãe, aguardando-nos para sanar nosso dolorido coração.

Quando alguém se dá o choque da recordação de si, produz realmente uma transformação milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células recebem um alimento diferente.

CANÇÃO PSICOLÓGICA

- Capítulo 24 -

Chegou o momento de refletir muito seriamente sobre isso que se chama consideração interna.

Não cabe a menor dúvida sobre o aspecto desastroso da autoconsideração íntima, esta além de hipnotizar a Consciência, nos faz perder muitíssima energia.

Se a pessoa não cometesse o erro de identificar-se tanto consigo mesma, a autoconsideração interior seria algo mais que impossível.

Quando alguém se identifica consigo mesmo, quer-se demasiado, sente piedade por si mesmo, autoconsidera-se; pensa que sempre se portou muito bem com fulano, com sicrano, com a mulher, com os filhos, etc., e que ninguém o soube apreciar, etc. Conclusão: É um santo e todos os demais, uns malvados, uns velhacos.

Uma das formas mais comuns de autoconsideração íntima é a preocupação pelo que outros possam pensar sobre nós mesmos; talvez suponham que não somos honrados, sinceros, verídicos, valentes, etc.

O mais curioso de tudo isso é que ignoramos, lamentavelmente, a enorme perda de energia que esse tipo de preocupação nos traz.

Muitas atitudes hostis para com certas pessoas que nenhum mal nos fizeram são devidas, precisamente, a tais preocupações nascidas da autoconsideração íntima.

Nestas circunstâncias, querendo-se tanto a si mesmo, autoconsiderando-se deste modo, é claro que o eu, ou melhor dizendo, os eus, em vez de se extinguirem, fortificam-se, então, espantosamente.

Identificado consigo mesmo, apieda-se muito de sua própria situação e até se põe a fazer contas.

Assim é como pensa que fulano, que sicrano, que o compadre, que a comadre, que o vizinho, que o patrão, que o amigo, etc., etc., etc., não lhe pagaram como deviam, apesar de suas conhecidas bondades e, engarrafado nisso, torna-se insuportável e aborrecedor para todo mundo.

Com um sujeito assim, praticamente não se pode falar, porque qualquer conversação, seguramente vai parar em seu livrinho de contas e em seus tão cacarejados sofrimentos.

Escrito está que, no trabalho esotérico gnóstico, só é possível o crescimento anímico mediante o perdão aos outros.

Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior.

A oração de Senhor disse: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos a nossos devedores.”

O sentimento de que nos devem, a dor pelos males que outros nos causaram, etc., detém todo progresso interior da alma.

Jesus, o Grande Kabir, disse: “Põe-te de acordo com teu adversário sem demora, enquanto estás com ele no caminho, para que não suceda que o adversário te entregue ao juiz e o juiz, ao ministro e sejas posto no cárceres. Por certo te digo que não sairás dali, até que pagues até o último ceitil”(Matheus V, 25, 26).

Se nos devem, devemos. Se exigimos que nos paguem até o último denário, devemos pagar, antes, até o último ceitil.

Esta é a lei do talião: “Olho por olho e dente por dente.” Círculo vicioso, absurdo.

As desculpas, a plena satisfação e as humilhações que de outros exigimos pelos males que nos causaram também de nós nos são exigidas, ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar-se sob leis desnecessárias é absurdo; melhor é colocar-se a si mesmo sob novas influências.

A lei da misericórdia é uma influência mais elevada que a lei do homem violento: “Olho por olho, dente por dente.”

É urgente, indispensável, inadiável, colocar-nos inteligentemente sob as influências maravilhosas do trabalho esotérico gnóstico; esquecer que nos devem e eliminar, em nossa psique, qualquer forma de autoconsideração.

Jamais devemos admitir, dentro de nós, sentimentos de vingança, ressentimento, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram, violência, inveja, incessante recordação de dívidas, etc., etc., etc.

A Gnose é destinada àqueles aspirantes sinceros que verdadeiramente queiram trabalhar e mudar.

Se observamos as pessoas, podemos evidenciar, de forma direta, que cada pessoa tem sua própria canção.

Cada qual canta sua própria canção psicológica; quero referir-me, de forma enfática, a essa questão das contas psicológicas: sentir que nos devem; queixar-se, autoconsiderar-se, etc.

Às vezes, a pessoa canta sua canção, assim porque sim, sem que se lhe dê corda, sem que se a estimule e, em outras ocasiões, depois de umas quantas taças de vinho...

Nós dizemos que nossa aborrecedora canção deve ser eliminada; esta nos incapacita interiormente; rouba-nos muita energia.

Em questões de Psicologia Revolucionária, alguém que canta muito bem - não nos referimos à formosa voz, nem ao canto físico - certamente não pode ir mais além de si mesmo; fica no passado...

Uma pessoa, impedida por tristes canções, não pode mudar seu nível de Ser; não pode ir mais além do que é.

Para passar a um nível superior do Ser, é preciso deixar de ser o que se é. Necessitamos não ser o que somos.

Se continuamos sendo o que somos, nunca poderemos passar a um nível superior do Ser.

No terreno da vida prática, sucedem coisas insólitas. Amiúde, uma pessoa qualquer trava amizade com outra, só porque é fácil cantar-lhe sua canção.

Desafortunadamente, tal classe de relações termina quando ao cantor se pede que se cale, que mude o disco, que fale de outra coisa, etc.

Então, o cantor ressentido se vai em busca de um novo amigo; de alguém que esteja disposto a escutá-lo por tempo indefinido.

Compreensão exige o cantor. Alguém que o compreenda, como se fosse tão fácil compreender a outra pessoa.

Para compreender a outra pessoa é preciso compreender-se a si mesmo. Desafortunadamente, o bom cantor crê que compreende a si mesmo.

São muitos os cantores decepcionados que cantam a canção de não serem compreendidos e sonham com um mundo maravilhosos onde eles são as figuras centrais.

Contudo, nem todos os cantores são públicos; também existem os reservados; não cantam sua canção diretamente, mas secretamente a cantam.

São pessoas que trabalharam muito, que sofreram demasiado, sentem-se defraudadas, pensam que a vida lhes deve tudo aquilo que nunca foram capazes de conseguir.

Sentem comumente uma tristeza interior, uma sensação de monotonia e espantoso aborrecimento; cansaço íntimo ou frustração em cujo redor se amontoam os pensamentos.

Inquestionavelmente, as canções interiores secretas passam despercebidas para nós mesmos, a menos que intencionalmente as observemos.

Obviamente, toda observação de si deixa penetrar a luz em nós mesmos, em nossas profundidades íntimas.

Nenhuma mudança interior poderia ocorrer em nossa psique, a menos que seja levada à luz da observação de si.

É indispensável observar-se a si mesmo estando só, do mesmo modo que ao estar em relação com as pessoas.

Quando alguém está só, eus muito diferentes, pensamentos muito distintos, emoções negativas, etc., se apresentam.

Nem sempre se está bem acompanhado quando se está só. É apenas normal, é muito natural estar muito mal acompanhado em plena solidão. Os eus mais negativos e perigosos se apresentam quando se está só.

Se queremos transformar-nos radicalmente, necessitamos sacrificar nossos próprios sofrimentos.

Muitas vezes expressamos nossos sofrimentos em canções articuladas ou inarticuladas.

RETORNO E RECORRÊNCIA

- Capítulo 25 -

Um homem é o que é sua vida. Se um homem não modifica nada dentro de si mesmo, se não transforma radicalmente sua vida, se não trabalha sobre si mesmo, está perdendo seu tempo miseravelmente.

A morte é o regresso ao próprio começo de sua vida, com a possibilidade de repeti-la novamente.

Muito se disse, na literatura pseudo-esotérica e pseudo-ocultista, sobre o tema das vidas sucessivas; melhor é que nos ocupemos das existências sucessivas.

A vida de cada um de nós, com todos os seus tempos, é sempre a mesma, repetindo-se de existência em existência, através dos inumeráveis séculos.

Inquestionavelmente continuamos na semente de nossos descendentes; isto é algo que já está demonstrado.

A vida de cada um de nós, em particular, é um filme vivo que, ao morrer, levamos para a eternidade.

Cada um de nós leva sua película e torna a trazê-la, para projetá-la outra vez na tela de uma nova existência.

A repetição de dramas, comédias e tragédias é um axioma fundamental da Lei de Recorrência.

Em cada nova existência repetem-se sempre as mesmas circunstâncias. Os atores de tais cenas, sempre repetidas, são essa gente que vive dentro do nosso interior, os eus.

Se desintegrarmos esses atores, esses eus que originam as sempre repetidas cenas de nossa vida, então a repetição de tais circunstâncias se faria algo mais que impossível.

Obviamente, sem atores não pode haver cenas; isto é algo irrefutável, irrefutável.

Assim é como nos podemos libertar das leis de retorno e recorrência, assim nos podemos fazer livres de verdade.

Obviamente, cada um dos personagens (eus) que em nosso interior levamos repete, de existência em existência, seu mesmo papel. Se o desintegramos, se o ator morre, o papel conclui.

Refletindo seriamente, sobre a lei de recorrência, ou repetição das cenas em cada retorno, descobrimos, por auto-observação íntima, as molas secretas desta questão.

Se, na passada existência, na idade de vinte e cinco (25) anos, tivemos uma aventura amorosa, indubitável que o eu de tal compromisso buscará a dama de seus sonhos aos vinte e cinco (25) anos da nova existência.

Se a dama em questão só tinha, então, quinze (15) anos, o eu de tal aventura buscará seu amado na nova existência na mesma idade.

Resulta claro compreender que os dois eus, tanto o dele como o dela, buscam-se telepaticamente e se reencontram novamente, para repetir a mesma aventura amorosa da passada existência.

Dois inimigos que lutaram até a morte na passada existência, buscar-se-ão, outra vez, na nova existência, para repetir sua tragédia na idade correspondente.

Se duas pessoas tiveram um pleito por bens imóveis na idade de quarenta (40) anos na passada existência, na mesma idade buscar-se-ão telepaticamente na nova existência, para repetir o mesmo.

Dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas cheias de compromissos. Isto é irrefutável.

Um ladrão carrega, em seu interior, um covil de ladrões, com diversos compromissos delituosos. O assassino leva, dentro de si mesmo, um clube de assassinos e o luxurioso porta, em sua psique, uma casa de encontros.

O grave de tudo isso é que o intelecto ignora a existência de tais pessoas, ou eus, dentro de si mesmo e de tais compromissos que fatalmente vão se cumprindo.

Todos esses compromissos dos eus que dentro de nós moram sucedem-se sob a nossa razão.

São fatos que ignoramos; coisas que nos sucedem; acontecimentos que se processam no subconsciente e inconsciente.

Com justa razão nos foi dito que tudo nos sucede como quando chove ou quando troveja.

Realmente temos a ilusão de fazer, porém, nada fazemos; sucede-nos. Isto é fatal, mecânico...

Nossa personalidade é tão só o instrumento de diferentes pessoas (eus), mediante a qual cada uma dessas pessoas (eus) cumpre seus compromissos.

Por baixo de nossa capacidade cognitiva sucedem muitas coisas. Desgraçadamente ignoramos o que por baixo de nossa pobre razão sucede.

Creio-nos sábios, quando, em verdade, nem sequer sabemos que não sabemos. Somos míseros lenhos arrastados pelas embravecidas ondas do mar da existência.

Sair desta desgraça, desta inconsciência, do estado tão lamentável em que nos encontramos, só é possível morrendo em nós mesmos...

Como poderíamos despertar sem morrer previamente? Só com a morte advém o novo! Se o germe não morre, a planta não nasce.

Quem desperta de verdade adquire, por tal motivo, plena objetividade de sua Consciência, iluminação autêntica, felicidade...

AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL

- Capítulo 26 -

Foi-nos dito, muito sabiamente, que temos noventa e sete por cento de subconsciência e três por cento de Consciência.

Falando francamente e sem rodeios, diremos que os noventa e sete por cento da Essência que em nosso interior levamos encontra-se engarrafada, embutida, metida dentro de cada um dos eus que, em seu conjunto, constituem o mim mesmo.

Obviamente, a Essência, ou Consciência, enfrascada dentro de cada eu, se processa em virtude de seu próprio condicionamento.

Qualquer eu desintegrado libera determinada porcentagem de Consciência. A emancipação ou liberação da Essência, ou Consciência, seria impossível sem a desintegração de cada eu.

Maior quantidade de eus desintegrados, maior autoconsciência. Menor quantidade de eus desintegrados, menor porcentagem de Consciência desperta.

O despertar da Consciência só é possível dissolvendo o eu, morrendo em si mesmo, aqui e agora.

Inquestionavelmente, enquanto a Essência, ou Consciência, estiver embutida dentro de cada um dos eus que carregamos em nosso interior, encontra-se adormecida, em estado subconsciente.

É urgente transformar o subconsciente em consciente e isto só é possível aniquilando os eus, morrendo em nós mesmos.

Não é possível despertar sem haver morrido previamente em si mesmo. Os que tentam despertar primeiro para depois morrer, não possuem experiência real do que afirmam; marcham resolutamente pelo caminho do erro.

As crianças recém-nascidas são maravilhosas; gozam de plena autoconsciência; encontram-se totalmente despertas.

Dentro do corpo da criança recém-nascida encontra-se, reincorporada, a Essência e isso dá à criatura sua beleza.

Não queremos dizer que cem por cento da Essência, ou Consciência, esteja reincorporada no recém-nascido; mas, sim, os três por cento livres que normalmente não estão enfrascados nos eus.

Não obstante, essa porcentagem de Essência livre, reincorporada dentro do organismo das crianças recém-nascidas, lhes dá plena autoconsciência, lucidez, etc.

Os adultos vêem o recém-nascido com piedade; pensam que a criatura se encontra inconsciente; porém, equivocam-se lamentavelmente.

O recém-nascido vê o adulto tal como em realidade é: inconsciente, cruel, perverso, etc.

Os eus do recém-nascido vão e vêm; dão voltas ao redor do berço, querendo meter-se no novo corpo. Porém, devido a que o recém-nascido ainda não fabricou a personalidade, toda tentativa dos eus para entrar no novo corpo resulta algo mais que impossível.

Às vezes, as criaturas se espantam ao ver esses fantasmas, ou eus, que se aproximam de seu berço e, então gritam, choram. Mas os adultos não entendem isso e supõem que a criança está enferma, ou que tem fome ou sede; tal é a inconsciência dos adultos.

À medida que a nova personalidade se vai formando, os eus que vêm de existências anteriores vão penetrando, pouco a pouco no novo corpo.

Quando a totalidade dos eus já se reincorporou, aparecemos no mundo com essa horrível fealdade interior que nos caracteriza; então andamos com sonâmbulos por todas as partes, sempre inconscientes, sempre perversos.

Quando morremos, três coisas vão para o sepulcro:

- 1) O corpo físico;
- 2) O fundo vital orgânico;
- 3) A personalidade.

O fundo vital, qual fantasma, vai-se desintegrando, pouco a pouco, ante a fossa sepulcral, à medida que o corpo físico vai também se desintegrando.

A personalidade é subconsciente ou infraconsciente; entra e sai do sepulcro cada vez que quer; alegra-se quando os desconsolados lhe levam flores; ama seus familiares e se vai dissolvendo muito lentamente, até converter-se em poeira cósmica.

Isso que continua mais além do sepulcro é o ego, o eu pluralizado, o mim mesmo, um montão de diabos dentro dos quais se encontra enfrascada a Essência, a Consciência que, a seu tempo e a sua hora, retorna, se reincorpora.

Resulta lamentável que, ao se fabricar a nova personalidade da criança, reincorporem também os eus.

O PUBLICANO E O FARISEU

- Capítulo 27 -

Refletindo um pouco sobre as diversas circunstâncias da vida, bem vale a pena compreender seriamente as bases sobre as quais descansamos.

Uma pessoa descansa sobre sua posição, outra sobre o dinheiro, aquela sobre o prestígio, estoutra sobre seu passado, essoutra sobre tal ou qual título, etc., etc., etc.

O mais curioso é que todos, seja rico ou mendicante, necessitamos de todos e vivemos de todos, ainda que estejamos inflados de orgulho e vaidade.

Pensem, por um momento, no que nos podem tirar, qual seria nossa sorte numa revolução de sangue e aguardente? Em que ficariam as bases sobre as quais descansamos? Ai de nós ! Cremo-nos muito fortes e somos espantosamente débeis!

O eu que sente em si mesmo a base sobre a qual descansamos deve ser dissolvido, sé que, em realidade, anelamos a autêntica bem-aventurança.

Tal eu subestima as pessoas; sente-se melhor que todo mundo, mais perfeito em tudo, mais rico, mais inteligente, mais esperto na vida, etc.

Resulta muito oportuno citar, agora, aquela parábola de Jesus, o Grande Kabir, acerca dos dois homens que oravam. Foi dita para uns que confiavam em si mesmos como justos e menosprezavam os outros.

Jesus, o Cristo, disse: “Dois homens subiram ao templo para orar; um era Fariseu e o outro, Publicano. O Fariseu, de pé, orava consigo mesmo desta maneira: “Deus! Eu te dou graças porque não sou como os demais homens, ladrões, injustos, adúlteros; nem ainda como este Publicano. Jejuo duas vezes por semana; dou o dízimo de tudo o que ganho” Mas o Publicano, estando longe, não queria nem alçar os olhos ao céu, senão que golpeava ao peito, dizendo: “Deus, sê propício a mim, pecador”! digo-vos que este desceu para sua casa justificado, antes que o outro; porque, qualquer um que se enaltece será humilhado e o que se humilha será enaltido”. (Lucas, XVIII, 10 - 14)

Começar a nos dar conta da própria nulidade e miséria em que nos encontramos é absolutamente impossível, enquanto exista, em nós, esse conceito do “mais”. Exemplos: Eu sou mais justo que aquele; mais sábio que fulano; mais virtuosos que sicrano; mais rico, mais esperto nas coisas da vida; mais casto, mais cumpridor dos meus deveres, etc., etc., etc.

Não é possível passar através do buraco de uma agulha enquanto sejamos “ricos”; enquanto em nós exista esse complexo do “mais”.

“É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha que entrar um rico no reino de Deus”.

Isso de que minha escola é a melhor e que a do próximo não serve; isso de que minha religião é a única verdadeira e que todas as outras são falsas e perversas; isso de que a mulher de fulano é uma péssima esposa e que a minha é uma santa; isso de que meu amigo Roberto é um bêbado e que eu sou um homem muito judiciosos e abstêmio, etc., etc., etc., é que nos faz sentir ricos; motivo pelo qual somos todos os “camelos” da parábola bíblica, com relação ao trabalho esotérico.

É urgente nos auto-observar de momento em momento, com o propósito de conhecer claramente os fundamentos sobre os quais descansamos.

Quando alguém descobre aquilo que mais o ofende, num instante dado; o incômodo que lhe deram por tal ou qual coisa, então descobre as bases sobre as quais descansa psicologicamente.

Tais bases constituem, segundo o evangelho cristão, “as areias sobre as quais edificou sua casa”.

É necessário anotar cuidadosamente com como e quando desprezou os outros, sentindo-se superior, talvez devido ao título, ou à posição social, ou à experiência adquirida, ou ao dinheiro, etc., etc., etc.

Grave é sentir-nos ricos, superiores a fulano ou a sicrano, por tal ou qual motivo. Gente assim não pode entrar no reino dos céus.

Bom é descobrir em que nos sentimos lisonjeados, em que é satisfeita nossa vaidade; isto virá a nos mostrar os fundamentos sobre os quais nos apoiamos.

Contudo, tal classe de observação não deve ser questão meramente teórica; devemos ser práticos e nos observar cuidadosamente, em forma direta, de instante em instante.

Quando alguém começa a compreender sua própria miséria e nulidade; quando abandona os delírios de grandeza; quando descobre a nescidade de tantos títulos, honrar e vãs superioridades sobre os nosso semelhantes, é sinal inequívoco de que já começa a mudar.

Uma pessoa não pode mudar se se aferra a isso que diz: “minha casa”, “meu dinheiro”, “minhas propriedades”, “meu emprego”, “minhas virtudes”, “minhas capacidades intelectuais”, “minhas capacidades artísticas”, “meus conhecimentos”, “meu prestígio”, etc., etc., etc.

Isso de se aferrar ao “meu”, a “mim”, é mais que suficiente para nos impedir de reconhecer nossa própria nulidade e miséria interior.

Assombramo-nos ante o espetáculo de um incêndio ou de um naufrágio, então as pessoas, desesperadas, se apoderam, muitas vezes, de coisas que causam riso, coisas sem importância.

Pobres pessoas! Sentem-se nessas coisas; descansam em tolices; apegam-se a isso que não tem a menor importância.

Sentir-se a si mesmo por meio das coisas exteriores, fundamentar-se nelas, equivale a estar em estado de absoluta inconsciência.

O sentimento da Seidade (o Ser Real) só é possível dissolvendo todos esses eus que em nosso interior levamos; antes, tal sentimento resulta algo mais que impossível.

Desgraçadamente os adoradores do eu não aceitam isto. Eles se crêem deuses, pensam que já possuem esses corpos gloriosos de que falara Paulo de Tarso. Supõem que o eu é divino e não há quem lhes tire tais absurdos da cabeça.

Não se sabe o que fazer com tais pessoas; explica-se-lhes e não entendem; sempre aferradas às areias sobre as quais edificaram sua casa; sempre metidas em seus dogmas, em seus caprichos, em suas nescidades.

Se essas pessoas se auto-observassem seriamente, verificariam, por si mesmas, a doutrina dos muito; descobririam, dentro de si mesmas, toda essa multiplicidade de pessoas, ou eus, que vivem em nosso inteiro.

Como poderia existir, em nós, o real sentimento de nosso verdadeiro Ser, quando esses eus estão sentindo por nós, pensando por nós?

O mais grave de toda essa tragédia é que pensamos que estamos pensando, sentimos que estamos sentindo, quando, na realidade, é outro o que num momento dado pensa com nosso martirizado cérebro e sente com o nosso dolorido coração.

Infelizes de nós! Quantas vezes cremos estar amando e o que sucede é que outro dentro de nós mesmos, cheio de luxúria, utiliza o centro do coração.

Somos uns desventurados. Confundimos a paixão animal com o amor! E, contudo, é outro dentro de nós mesmos, dentro de nossa personalidade, quem passa por tais confusões.

Todos pensamos que jamais pronunciaríamos aquelas palavras do Fariseu na parábola bíblica: “Deus! Graças te dou porque não sou como os outros homens”, etc., etc.

Não obstante e ainda que pareça incrível, assim, procedemos diariamente, o vendedor de carne no mercado diz: “Eu não sou como os outros açougueiros que vendem carne de má qualidade e exploram o povo.”

O vendedor de tecidos na loja exclama: “Eu não sou como outros comerciantes que sabem roubar ao medir e que enriqueceram.”

O vendedor de leite afirma: “Eu não sou como outros vendedores de leite que o misturam com água. Gosto de ser honrado.”

A senhora de casa comenta, em visita, o seguinte: “Eu não sou como fulana que anda com outros homens. Sou, graças a Deus, pessoa decente e fiel a meu marido.”

Conclusão: os demais são malvados, injustos, adúlteros, ladrões e perversos; e cada um de nós, uma mansa ovelha, um santinho de chocolate, bom para servir de menino de ouro em alguma igreja.

Quão néscios somos! Pensamos amiúde que nunca fazemos todas essas bobagens e perversidades que vemos os outros fazer e chegamos, por tal motivo, à conclusão de que somos magníficas pessoas, desgraçadamente, não vemos as tolices e mesquinhas que fazemos.

Existem estranhos momentos, na vida, em que a mente, sem preocupações de espécie alguma, repousa. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, advém, então, o novo.

Em tais instantes é possível ver as bases, os fundamentos sobre os quais descansamos.

Estando a mente em profundo repouso interior, podemos verificar, por nós mesmos, a crua realidade dessa areia da vida, sobre a qual edificamos a casa. (veja-se Matheus, VII, 24-29, parábola que trata dos dois alicerces).

A VONTADE

- Capítulo 28 -

A Grande Obra é, antes de tudo, a criação do homem por si mesmo, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

A Grande Obra é a conquista interior de nós mesmos, de nossa verdadeira liberdade em Deus.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, desintegrar todos esses eus que vivem em nosso interior, se é que, em realidade, queremos a emancipação perfeita da Vontade.

Nicolas Flamel e Raimundo Lúlio, pobres ambos, liberaram sua vontade e realizaram inumeráveis prodígios psicológicos que assombram.

Agripa não chegou nunca mais do que à primeira parte da Grande Obra e morreu penosamente, lutando na desintegração de seus eus com o propósito de se possuir a si mesmo e fixar sua independência.

A emancipação perfeita da vontade assegura ao sábio o império absoluto sobre o Fogo, o Ar, a Água e a Terra.

A muitos estudantes de psicologia contemporânea parecerá um exagero o que, em parágrafos acima, afirmamos com relação ao poder soberano da vontade emancipada; não obstante, a Bíblia nos fala maravilhas sobre Moisés.

Segundo Filon, Moisés era um Iniciado nas terras dos Faraós, às margens do Nilo, Sacerdote de Osíris, primo do Faraó, educado entre as colunas de Ísis, a Mãe Divina, e de Osíris, nosso Pai que está em secreto.

Moisés era descendente do Patriarca Abraão, o grande mago Caldeu, e do mui respeitável Isaac.

Moisés, o homem que liberou o poder elétrico da vontade, possui o dom dos prodígios. Isto o sabem os divinos e os humanos. Assim está escrito.

Tudo o que as Sagradas Escrituras dizem sobre esse caudilho hebreu é, certamente, extraordinário, portentoso.

Moisés transforma seu bastão em serpente; transforma uma de suas mãos em mão de leproso; logo lhe devolve a vida.

A prova aquela da sarça ardente pôs em claro seu poder; o povo compreende, ajoelha-se e se prosterna.

Moisés utiliza uma vara mágica, emblema do poder real, do poder sacerdotal do Iniciado nos Grandes Mistérios da Vida e da Morte.

Ante o Faraó, Moisés muda em sangue a água do Nilo. Os peixes morrem; o rio sagrado fica infectado; os egípcios não podem beber dele e as irrigações do Nilo derramam sangue pelos campos.

Moisés faz mais. Faz com que apareçam milhões de rãs desproporcionais, gigantescas, monstruosas, que saem do rio e invadem as casas. Logo, sob seu gesto indicador de uma vontade livre e soberana, aquelas rãs horríveis desaparecem,

Mas como o Faraó não deixa livres os israelitas, Moisés opera novos prodígios. Cobre a terra de sujeira; suscita nuvens de moscas asquerosas e imundas que, depois, se dá ao luxo de afastar.

Desencadeia a espantosa peste e todos os rebanhos, exceto os dos judeus, morrem.

Colhendo fuligem do forno, dizem as Sagradas Escrituras, atira-a ao ar e, caindo sobre os Egípcios, causa-lhes pústulas e úlceras.

Estendendo seu famoso bastão mágico, Moisés faz chover granizo do céu que, de forma inclemente, destrói e mata. Em continuação faz estalar o raio flamígero, retumba o trovão aterrador e chove espantosamente. Logo, com um gesto, devolve a calma.

Contudo, o Faraó continua inflexível, Moisés, com um golpe tremendo de sua vara mágica, faz surgir, como que por encanto, nuvens de gafanhotos; logo vêm trevas, outro golpe com a vara e tudo retorna à ordem original.

Muito conhecido é o final de todo aquele drama bíblico do Antigo Testamento. Intervém Jeová e faz morrer todos os primogênitos dos egípcios e ao Faraó não lhe resta mais remédio que deixar ir os hebreus.

Posteriormente, Moisés se serve de sua vara mágica para fender as águas do Mar Vermelho e atravessá-las a pé seco.

Quando os guerreiros egípcios se precipitam por ali, perseguindo os israelitas, Moisés, com um gesto, faz com que as águas voltem a se fechar, tragando, estas, os perseguidores.

Inquestionavelmente, muitos pseudo-ocultistas ao ler tudo isto, quiseram fazer o mesmo; ter os mesmos poderes de Moisés. Contudo, isto é algo mais que impossível, enquanto a Vontade continue engarrafada dentro de todos e cada um desses eus que nos diferentes transfundos de nossa psique carregamos.

A Essência embutida no mim mesmo é o gênio da lâmpada de Aladim, anelando liberdade... Livre tal gênio, pode realizar prodígios.

A Essência é Vontade-Consciência, desgraçadamente, processando-se em virtude de nosso próprio condicionamento.

Quando a Vontade é liberada, então se mescla ou se fundiona, integrando-se, assim, com a Vontade universal, fazendo-se, por isto, soberana.

A Vontade individual, fusionada com a Vontade universal, pode realizar todos os prodígios de Moisés.

Existem três tipos de atos: a) Aqueles que correspondem à lei dos acidentes. b) Esses que pertencem à lei de recorrência, fatos sempre repetidos em cada existência. c) Ações determinadas intencionalmente pela Vontade Consciente.

Inquestionavelmente, só pessoas que tenham libertado sua Vontade, mediante a morte do mim mesmo, poderão realizar atos novos nascidos de seu livre arbítrio.

Os atos comuns e correntes da humanidade são sempre o resultado da lei de recorrência ou o mero produto de acidentes mecânicos.

Quem possui Vontade livre de verdade pode originar novas circunstâncias; quem tem sua Vontade engarrafada dentro do eu pluralizado é vítima das circunstâncias.

Em todas as páginas bíblicas existe um desenrolar maravilhoso de alta magia, vidência, profecia, prodígios, transfigurações, ressurreição de mortos, seja por insuflação ou imposição de mãos, ou pelo olhar fixo na raiz do nariz, etc., etc., etc.

Abunda, na Bíblia, a massagem, o óleo sagrado, os passes magnéticos, a aplicação de um pouco de saliva sobre a parte enferma, a leitura do pensamento alheio, os transportes, as aparições, as palavras vindas do céu, etc., etc., etc. Verdadeiras maravilhas da Vontade consciente libertada, emancipada, soberana.

Bruxos? Feiticeiros? Magos negros? Abundam como a erva daninha; entretanto, esses não são santos, nem profetas, nem adeptos da Branca Irmandade.

Ninguém poderia chegar à iluminação real, nem exercer o sacerdócio absoluto da Vontade consciente, se previamente não tivesse morrido radicalmente em si mesmo, aqui e agora.

Muitas pessoas nos escrevem freqüentemente, queixando-se de não possuir iluminação, pedindo poderes, exigindo-nos chaves que os convertam em magos, etc., etc., etc. Entretanto nunca se interessam por se auto-observar, por se autoconhecer, por desintegrar esses agregados psíquicos, esses eus dentro dos quais se encontra enfrascada a Vontade, a Essência.

Pessoas assim obviamente estão condenadas ao fracasso. São pessoas que cobiçam as faculdades dos santos, porém, que de nenhuma maneira estão dispostas a morrer em si mesmas.

Eliminar erros é algo mágico, maravilhoso de per si, que implica na rigorosa auto-observação psicológica.

Exercer poderes é possível quando se libera radicalmente o poder maravilhoso da Vontade.

Desgraçadamente, como as pessoas têm a Vontade enfrascada dentro de cada eu, obviamente esta se encontra dividida em múltiplas vontades que se processam, cada uma, em virtude de seu próprio condicionamento.

Resulta claro compreender que cada eu possui, por tal causa, sua vontade inconsciente, particular,

As inumeráveis vontades enfrascadas dentro dos eus se chocam entre si freqüentemente, fazendo-nos, por tal motivo, impotentes, débeis, miseráveis, vítimas das circunstâncias e incapazes.

A DECAPTAÇÃO

- Capítulo 29 -

À medida que trabalhamos sobre nós mesmos, vamos compreendendo cada vez mais e mais a necessidade de eliminar radicalmente, de nossa natureza interior, tudo isso que nos faz tão abomináveis.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os fatos mais difíceis, tornam-se sempre maravilhosos para o autodescobrimento íntimo.

Nesses momentos insuspeitados, críticos, afloram, sempre e quando menos o pensamos, os eus mais secretos, se estamos alertas, inquestionavelmente nos descobrimos.

As épocas mais tranquilas da vida são, precisamente, as menos favoráveis para o trabalho sobre si mesmo.

Existem momentos da vida demasiado complicados, em que a pessoa tem marcada tendência de identificar-se facilmente com os acontecimentos e se esquecer completamente de si mesma. Nesses instantes, a pessoa faz bobagens que a nada conduzem; se estivesse alerta, se nesses mesmos momentos, em vez de perder a cabeça, se recordasse de si mesma, descobriria, com assombro, certos eus dos quais jamais teve nem a mínima suspeita de sua possível existência.

O sentido da auto-observação íntima se encontra atrofiado em todo ser humano. Trabalhando seriamente, auto-observando-se de momento em momento, tal sentido se desenvolverá de forma progressiva.

À medida que o sentido de auto-observação prossiga seu desenvolvimento mediante o uso contínuo, ir-nos-emos fazendo cada vez mais capazes de perceber, de forma direta, aqueles eus sobre os quais jamais tivemos dado algum, relacionado com sua existência.

Ante o sentido de auto-observação íntima, cada um desses eus que em nosso interior habita assume realmente esta ou aquela figura secretamente afim com o defeito personificado pelo mesmo. Indubitavelmente, a imagem de cada um desses eus tem certo sabor psicológico inconfundível, mediante o qual apreendemos, capturamos, apanhamos instintivamente sua natureza íntima e o defeito que o caracteriza.

No princípio, o esoterista não sabe por onde começar, sente a necessidade de trabalhar sobre si mesmo; porém, se acha completamente desorientado.

Aproveitando os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os instantes mais adversos, se estamos alertas, descobriremos nossos defeitos sobressalentes, os eus que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes se pode começar pela ira ou pelo amor próprio, ou pelo desditado segundo de luxúria, etc., etc., etc.

É necessário tomar nota, sobretudo, dos nossos estados psicológicos diários, se é que de verdade queremos uma mudança definitiva.

Antes de nos deitarmos, convém que examinemos os fatos ocorridos no dia, as situações embaraçosas, a gargalhada estrondosa de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates.

Pode ser que tenhamos ferido alguém com um gargalhada; pode ser que tenhamos adoecido alguém com um sorriso ou com um olhar fora do lugar.

Recordemos que, em esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu lugar; mau é tudo o que está fora de lugar.

A água em seu lugar é boa; porém, se esta inundasse a casa, estaria fora de lugar, causaria danos, seria má e prejudicial. O fogo, na cozinha e em seu lugar, além de ser útil é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude, por santa que seja, em seu lugar é boa; fora de seu lugar é má e prejudicial. Com as virtudes podemos prejudicar os outros. É indispensável colocar as virtudes em seu lugar correspondente.

Que diríeis de um sacerdote que estivesse predicando a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? Que diríeis de um varão manso e tolerante que estivesse abençoando uma quadrilha de assaltantes que tentasse violar a sua mulher e suas filhas? Que diríeis dessa classe de tolerância levada ao excesso? Que pensaríeis sobre a atitude caritativa de um homem que, em vez de levar comida para sua casa, repartisse o dinheiro entre os mendicantes do vício? Que opinaríeis sobre o homem serviçal que num instante dado emprestasse um punhal a um assassino?

Recordai, querido leitor, que entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos.

Ainda que pareça incrível, dentro do próprio perfume da prece também se esconde o delito.

O delito se disfarça de santo; usa as melhores virtudes; apresenta-se como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da auto-observação íntima se desenvolve em nós, mediante o uso contínuo, poderemos ir vendo todos esses eus que servem de fundamento básico a nosso temperamento individual, seja este último sanguíneo ou nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que o senhor não o creia, querido leitor, por trás do temperamento que possuímos, escondem-se, dentro das mais remotas profundidades de nossa psique, as criações diabólicas mais execráveis.

Ver tais criações, observar essas monstruosidades do inferno, dentro das quais se acha engarrafada nossa mesmíssima Consciência, faz-se possível com o desenvolvimento sempre progressivo do sentido de auto-observação íntima.

Enquanto um homem não tenha dissolvido essas criações do inferno, essas aberrações de si mesmo, indubitavelmente, no mais fundo, no mais profundo continuará sendo algo que não deveria existir, uma deformidade, uma abominação

O mais grave de tudo isso é que o abominável não se dá conta de sua própria abominação; crê-se belo, justo, boa pessoa, e até se queixa da incompreensão dos demais; lamenta a ingratidão de seus semelhantes; diz que não o entendem, chora, afirmando que lhe devem, que lhe pagaram com moeda negra, etc., etc., etc.

O sentido da auto-observação íntima nos permite verificar, por nós mesmos e em forma direta, o trabalho secreto, mediante o qual, em dado tempo, estamos dissolvendo tal ou qual eu (tal ou qual defeito psicológico), possivelmente descoberto em condições difíceis e quando menos o suspeitávamos.

Pensaste, alguma vez na vida, sobre o que mais te agrada ou desagrada? Refletiste sobre as molas secretas da ação? Por que quiseste ter uma bela casa? Por que desejaste ter um carro último modelo? Por que quiseste estar sempre na última moda? Por que cobiças não ser cobiçoso? O que é que mais te ofendeu num momento dado? Que é que mais te lisonjeou ontem? Por que te sentiste superior a fulano ou fulana de tal, em determinado instante? A que hora te sentiste superior a alguém? Por que te orgulhaste ao relatar teus triunfos? Não pudeste calar quando murmuravam de outra pessoa conhecida? Recebeste a taça de licor por cortesia? Aceitaste fumar, talvez não tendo o vício, possivelmente por conceito de educação ou de hombridade? Estás seguro de haver sido sincero naquela conversa? E quando te justificas a ti mesmo, quando te elogias, quando contas teus triunfos e os relatas, repetindo o que antes disseste aos demais, compreendeste que eras vaidoso?

O sentido da auto-observação íntima além de permitir ver claramente o eu que estás dissolvendo, permitir-te-á, também, ver os resultados patéticos e definidos do teu trabalho interior.

Em princípio, estas criações do inferno, estas aberrações psíquicas que desgraçadamente te caracterizam são mais feias e monstruosas que as bestas mais horrendas que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais profundas da terra; conforme avançares em teu trabalho, podes evidenciar, mediante o sentido de auto-observação interior, o fato evidente de que aquelas abominações vão perdendo volume, vão diminuindo...

Resulta interessante saber que tais bestialidades conforme decrescem em tamanho, conforme perdem volume e empequenecem, ganham em beleza; assumem, lentamente, figuras infantis; por último se desintegram, convertem-se em poeira cósmica. Então, a Essência enfrascada se libera, emancipa-se, desperta.

Indubitavelmente, a mente não pode alterar fundamentalmente nenhum defeito psicológico. Obviamente, o entendimento pode dar-se ao luxo de rotular em defeito com tal ou

qual nome; de justificá-lo; de passá-lo de um nível a outro, etc., mas não poderia, por si mesmo, aniquilá-lo, desintegrá-lo.

Necessitamos urgentemente de um poder flamígero superior à mente; de um poder que seja capaz, por si mesmo, de reduzir tal ou qual defeito psicológico a mera poeira cósmica.

Afortunadamente existe em nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o nome misterioso de Stella Maris, a Virgem do Mar, o Azo de Hermes, a Tonantzin do México asteca, essa derivação de nosso próprio Ser íntimo, Deus-Mãe em nosso interior, simbolizado sempre como Serpente Sagrada dos Grandes Mistérios.

Se depois de Haver observado e compreendido, profundamente, tal ou qual defeito psicológico (tal ou qual eu), suplicamos à nossa Mãe Cósmica particular, pois cada um de nós tem a sua própria, que desintegre, que reduza a poeira cósmica este ou aqueles defeito, aquele eu, motivo de nosso trabalho inteiro, podeis estar seguros de que o mesmo perderá volume e lentamente se irá pulverizando.

Tudo isto implica, naturalmente, sucessivos trabalhos de fundo sempre contínuo, pois nenhum eu pode ser desintegrado, jamais, instantaneamente. O sentido de auto-observação íntima poderá ver o avanço progressivo do trabalho relacionado com a abominação que nos interessa verdadeiramente desintegrar.

Stella Maris, ainda que pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana.

Obviamente, Stella Maris tem o poder efetivo para desintegrar as aberrações que em nosso interior psicológico carregamos.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida à reflexão. Não seria possível nenhuma mudança psicológica radical, se antes não passássemos pela decapitação.

Nosso próprio Ser derivado, Tonantzin, Stella Maris, como potência elétrica desconhecida para a humanidade inteira e que se acha latente no próprio fundo de nossa psique, ostensivelmente goza do poder que lhe permite decapitar qualquer eu antes da desintegração final.

Stella Maris é esse fogo filosófico que se encontra latente em toda matéria orgânica e inorgânica.

Os impulsos psicológicos podem provocar a ação intensiva de tal fogo e, então, a decapitação de faz possível.

Alguns eus costumam ser decapitados no começo do trabalho psicológico; outros, no meio e os últimos, no final. Stella Maris, como potência ígnea sexual, tem consciência plena do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não se tenha produzido a desintegração de todas essas abominações psicológicas, de todas essas lascívia, de todas essas maldições: roubo, inveja, adultério secreto

ou manifesto, ambição de dinheiro ou de poderes psíquicos, etc., ainda quando nos criamos pessoas honradas, cumpridores da palavra, sinceras, corteses, caritativas, formosas no interior, etc., obviamente não passaremos de ser mais que sepulcros caídos, formosos por fora, mas, por dentro, cheios de asquerosa podridão.

A erudição livresca, a pseudo-sapiência, a informação completa sobre as sagradas escrituras, sejam estas do oriente ou do ocidente, do norte ou do sul, o pseudo-ocultismo, o pseudo-esoterismo, a absoluta segurança de estarmos bem documentados, o sectarismo intransigente com pleno convencimento, etc., de nada serve, porque, na realidade, só existe, no fundo, isso que ignoramos: criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem por trás da cara bonita, atrás do rosto venerável, sob a roupagem santíssima do líder sagrado, etc.

Temos que ser sinceros conosco mesmos, perguntar-nos o que é que queremos. Se viemos ao Ensino Gnóstico por mera curiosidade, se de verdade não é passar pela decapitação o que estamos desejando, então nos estamos enganando a nós mesmos; estamos defendendo nossa própria podridão; estamos procedendo hipocritamente.

Nas escolas mais veneráveis da sapiência esotérica e do ocultismo existem muitos equivocados sinceros que de verdade se querem auto-realizar, porém, que não estão dedicados à desintegração de suas abominações interiores.

São muitas as pessoas que supõem que mediante as boas intenções é possível chegar à santificação. Obviamente, enquanto não se trabalhe com intensidade sobre esses eus que em nosso inteiro carregamos, eles continuarão existindo sob o fundo de nosso olhar piedoso e de boa conduta.

Chegou a hora de saber que somos uns malvados, disfarçados com a túnica da santidade; lobos com pele de ovelha, canibais vestidos com trajes de cavalheiro, verdugos escondidos atrás do signo sagrado da cruz, etc.

Por muito majestosos que apareçamos dentro de nossos templos, ou dentro de nossas aulas de luz e de harmonia; por muito serenos e doces que nos vejamos nossos semelhantes; por muito reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa psique continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Em Psicologia Revolucionária, faz-se-nos evidente a necessidade de uma transformação radical e esta só é possível declarando-nos a nós mesmos uma guerra de morte, desapiedada e cruel.

Certamente, nós todos não valemos nada; somos, cada um de nós, a desgraça da Terra, o execrável.

Afortunadamente, João Batista nos ensinou o caminho secreto: **MORRER EM NÓS MESMOS, MEDIANTE A DECAPITAÇÃO PSICOLÓGICA.**

O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE

- Capítulo 30 -

Não existindo uma verdadeira individualidade, torna-se impossível que haja continuidade de propósitos.

Se não existe o indivíduo psicológico, se em cada um de nós vivem muitas pessoas, se não há sujeito responsável, seria absurdo exigir de alguém continuidade de propósitos.

Bem sabemos que dentro de uma pessoa vivem muitas pessoas. Então, o sentido pleno da responsabilidade não existe realmente em nós.

O que um eu determinado afirma num instante dado não pode ter nenhuma seriedade, devido ao fato concreto de que qualquer outro eu pode afirmar exatamente o contrário em qualquer outro momento.

O grave de tudo isto é que muitas pessoas crêem possuir o sentido de responsabilidade moral e se Auto-enganam, afirmando ser sempre as mesmas.

Pessoas há que em qualquer instante de sua existência vêm aos estudos gnósticos, resplandecem com a força do anelo, entusiasmam-se com o trabalho esotérico e até juram consagrar a totalidade de sua existência a estas questões.

Inquestionavelmente, todos os irmãos de nosso movimento chegam até a admirar a um entusiasta assim.

Não podemos mais que sentir grande alegria ao escutar pessoas dessa classe, tão devotas e definitivamente sinceras.

Contudo, o idílio não dura muito tempo. Qualquer dia, devido a tal ou qual motivo, justo ou injusto, simples ou complicado, a pessoa se retira da Gnose. Então abandona o trabalho e para endireitar o entortado, ou tratando de se justificar a si mesmo, afilia-se a qualquer outra organização mística e pensa que agora vai melhor.

Todo este ir e vir, toda esta troca incessante de escolas, seitas, religiões, deve-se à multiplicidade de eus que, em nosso inteiro, lutam entre si por sua própria supremacia.

Como cada eu possui seu próprio critério, sua própria mente, suas próprias idéias, é apenas normal esta troca de pareceres, esse mariposear constante de organização, de ideal em ideal, etc.

O sujeito em si não é mais que uma máquina que tanto serve de veículo a um eu, como a outro. Alguns eus místicos se auto-enganam; depois de abandonar tal ou qual seita resolvem crer-se deuses; brilham como luzes fátuas e, por último, desaparecem.

Pessoas há que, por um momento, assomam ao trabalho esotérico e, logo, no instante em que outro eu intervém, abandonam, definitivamente, esses estudos e se deixam tragar pela vida.

Obviamente, se uma pessoa não luta contra a vida, esta a devora; e são raros os aspirantes que, de verdade, não se deixam tragar pela vida.

Existindo dentro de nós toda uma multiplicidade de eus, o centro de gravidade permanente não pode existir.

É apenas normal que nem todos os sujeitos se auto-realizem intimamente. Bem sabemos que a auto-realização íntima do Ser exige continuidade de propósitos e, considerando que é muito difícil encontrar alguém que tenha um centro de gravidade permanente, então não é estranho que seja muito rara a pessoa que chegue à auto-realização interior profunda.

O normal é que alguém se entusiasme pelo trabalho esotérico e que logo o abandone; o estranho é que alguém não abandone o trabalho e chegue à meta.

Certamente, e em nome da verdade, afirmamos que o Sol está fazendo um experimento de laboratório muito complicado e terrivelmente difícil.

Dentro do anima intelectual, equivocadamente chamado homem, existem germes que, convenientemente desenvolvidos, podem converter-nos em homens solares.

Contudo, não é demais esclarecer que não é seguro que esses germes se desenvolvam; o normal é que degenerem e se percam lamentavelmente.

Em todo caso, os citados germes que nos hão de converter em homens solares necessitam de um ambiente adequado, pois bem sabido é que a semente num meio estéril não germina, perde-se.

Para que a semente real do homem, depositada em nossas glândulas sexuais, possa germinar, necessita-se continuidade de propósitos e corpo físico normal.

Se os cientistas continuam fazendo ensaios com as glândulas de secreção interna, qualquer possibilidade de desenvolvimento dos mencionados germes se poderá perder.

Ainda que pareça incrível, as formigas já passaram por um processo similar num remoto passado arcaico do nosso planeta Terra.

Enchemo-nos de assombro ao contemplar a perfeição de um palácio de formigas. Não há dúvida que a ordem estabelecida em qualquer formigueiro é formidável.

Aqueles Iniciados que despertaram a Consciência sabem, por experiência mística direta, que as formigas, em tempos que nem remotamente suspeitam os maiores historiadores do mundo, foram uma raça humana que criou uma poderosíssima civilização socialista.

Então, os ditadores daquela família eliminaram as diversas seitas religiosas e o livre arbítrio, pois tudo isso lhes tirava poder, e eles necessitavam ser totalitários no sentido mais completo da palavra.

Nestas condições, eliminada a iniciativa individual e o direito religioso, o animal intelectual se precipitou pelo caminho da involução e da degeneração.

A todo o antes dito acrescentaram-se os experimentos científicos; transplantes de órgãos, glândulas, ensaios com hormônio, etc., etc., etc., cujo resultado foi o

empequenecimento gradual e a alteração morfológica daqueles organismos humanos, até se converterem, por último, nas formigas que hoje conhecemos.

Toda aquela civilização, todos esses movimentos relacionados com a ordem social estabelecida tornou-os mecânicos e o herdaram de pais para filhos. Hoje nos enchemos de assombro ao ver um formigueiro, mas não podemos mais que lamentar sua falta de inteligência.

Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos espantosamente.

O experimento que o Sol está fazendo no laboratório da natureza, certamente, além de ser difícil, tem dado muito poucos resultados.

Criar homens solares só é possível quando existe verdadeira cooperação em cada um de nós.

Não é possível a criação do homem solar se não estabelecemos antes um centro de gravidade permanente em nosso interior.

Como poderíamos ter continuidade de propósitos se não estabelecemos, em nossa psique, o centro de gravidade?

Qualquer raça dríada pelo Sol certamente não tem outro objetivo na natureza que o de servir aos interesses desta criação e ao experimento solar.

Se o Sol fracassa em seu experimento, perde todo interesse por uma raça assim, e esta, de fato, fica condenada à destruição e à involução.

Cada uma das raças que existiu sobre a fase da Terra serviu para o experimento solar. De cada raça conseguiu o Sol alguns triunfos, colhendo pequenos grupos de homens solares.

Quando uma raça deu seus frutos, desaparece de forma progressiva ou perece violentamente, mediante grandes catástrofes.

A criação de homens solares é possível quando lutamos por independentizar-nos das forças lunares. Não há dúvida de que todos esses eus que levamos em nossa psique são de tipo exclusivamente lunar.

De modo algum seria possível libertar-nos da força lunar se não estabelecêssemos, previamente, em nós, um centro de gravidade permanente.

Como poderíamos dissolver a totalidade do eu pluralizado se não temos continuidade de propósitos? De que maneira poderíamos ter continuidade de propósitos sem haver previamente estabelecido em nossa psique um centro de gravidade permanente?

Como a raça atual, em vez de se independentizar da influência lunar, perdeu todo o interesse na inteligência solar, inquestionavelmente se condenou a si mesma à involução e à degeneração.

Não é possível que o homem verdadeiro surja mediante a mecânica evolutiva. Bem sabemos que a evolução e sua irmã gêmea, a involução, são apenas duas leis que constituem o eixo mecânico da natureza. Evolui-se até certo ponto perfeitamente definido e logo vem o processo involutivo; toda subida é seguida por uma descida e vice-versa.

Nós somos exclusivamente máquinas controladas por diversos eus. Servimos para a economia da natureza, não temos uma individualidade definida, como supõem de maneira equivocada muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

Necessitamos mudar, com máxima urgência, a fim de que os germes do homem dêem seus frutos.

Só trabalhando sobre nós mesmos, com verdadeira continuidade de propósitos e sentido completo de responsabilidade moral, podemos converter-nos em homens solares. Isso implica consagrar a totalidade de nossa existência ao trabalho esotérico sobre nós mesmos.

Aqueles que têm a esperança de chegar ao estado solar mediante a mecânica da evolução enganam-se a si mesmos e, de fato, se condenam à degeneração involutiva.

No trabalho esotérico, não nos podemos dar ao luxo da versatilidade; esses que têm idéias volúveis, esses que hoje trabalham sobre sua psique e que amanhã se deixam tragar pela vida, esses que buscam evasivas, justificativas para abandonar o trabalho esotérico, degenerarão e involuirão.

Alguns dão tempo ao erro, deixam tudo para amanhã, enquanto melhoram sua situação econômica, sem levar em conta que o experimento solar é algo bem distinto de seu critério pessoal e seus costumeiros projetos.

Não é tão fácil converter-se em homem solar quando carregamos a Lua em nosso interior (o ego é lunar).

A Terra tem duas luas, a segunda é chamada Lilith e se acha um pouco mais distante que a lua branca.

Os astrônomos costumam ver Lilith como uma lentilha, pois é de pouco tamanho. Essa é a Lua negra.

As forças mais sinistras do Ego chegam à Terra desde Lilith, e produzem resultados psicológicos infra-humanos e bestiais.

Os crimes da imprensa sangrenta, os assassinos mais monstruosos da história, os delitos mais insuspeitados, etc., devem-se às ondas vibratórias de Lilith.

A dupla influência lunar, representada no ser humano pelo ego que carrega em seu interior, faz de nós verdadeiros fracassos.

Se não vemos a urgência de entregar a totalidade de nossa existência ao trabalho sobre nós mesmos, com o propósito de liberar-nos da dupla força lunar, terminaremos tragados pela Lua, involuindo, degenerando cada vez mais, dentro de certos estados que bem poderíamos qualificar de inconscientes e infraconscientes.

O grave de tudo isso é que não possuímos a verdadeira individualidade. Se tivéssemos um centro de gravidade permanente, trabalharíamos de verdade, seriamente, até chegar ao estado solar.

Há tantas desculpas nestas questões, tantas evasivas, existem tantas atrações fascinantes, que de fato sói ser quase impossível compreender, por tal motivo, a urgência do trabalho esotérico.

Contudo, a pequena margem que temos de livre arbítrio e o ensinamento gnóstico orientado para o trabalho prático poderiam servir de embasamento para nossos nobres propósitos relacionados com o experimento solar.

A mente volúvel não entende o que estamos dizendo aqui, lê este capítulo e posteriormente o esquece. Vem outro livro e depois outro, e finalmente acabamos nos afiliando a qualquer instituição que nos venda um passaporte para o céu, que nos fale de forma mais otimista, que nos assegure comodidades no mais além.

Assim são as pessoas, meras marionetes controladas por fios invisíveis; bonecos mecânicos com idéias volúveis e sem continuidade de propósitos.

O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO

- Capítulo 31 -

É urgente estudar a Gnose e utilizar as idéias práticas que damos nesta obra para trabalhar seriamente sobre nós mesmos.

Entretanto, não poderíamos trabalhar sobre nós mesmos, com a intenção de dissolver tal ou qual eu, sem havê-lo observado previamente.

A observação de nós mesmos permite que penetre um raio de luz em nosso interior.

Qualquer eu se expressa na cabeça de um modo, no coração de outro modo, e no sexo de outro modo.

Necessitamos observar o eu que em um dado momento detectamos, urge vê-lo em cada um destes três centros de nosso organismo.

No relacionamento com outras pessoas, se estamos alertas e vigilantes como o vigia em época de guerra, nos autodescobrimos.

Recorda o senhor a que hora feriram sua vaidade? Seu orgulho? O que foi que mais o contrariou no dia? Por que teve essa contrariedade? Qual a sua causa secreta? Estude isto, observe sua cabeça, coração e sexo...

A vida prática é uma escola maravilhosa; na inter-relação podemos descobrir esses eus que carregamos em nosso interior.

Qualquer contrariedade, qualquer incidente, pode conduzir-nos, mediante a auto-observação íntima, ao descobrimento de um eu, seja este de amor-próprio, inveja, ciúmes, ira, cobiça, suspeita, calúnia, luxúria, etc., etc., etc.

Necessitamos conhecer a nós mesmos antes de poder conhecer os demais. É urgente aprender a ver o ponto de vista alheio.

Se nos colocamos no lugar dos demais, descobrimos que os defeitos psicológicos que atribuímos a outros os temos de sobra em nosso interior.

Amar ao próximo é indispensável, mas não poderíamos amar aos outros se antes não aprendêssemos a nos colocar na posição de outra pessoa, no trabalho esotérico.

A crueldade continuará existindo sobre a face da Terra, enquanto não tenhamos aprendido a nos colocar no lugar de outros.

Mas, se não se tem a coragem de se ver a si mesmo, como poderia alguém colocar-se no lugar de outros?

Por que haveríamos de ver exclusivamente a parte má das pessoas?

A antipatia mecânica para com outra pessoa que pela primeira vez conhecemos indica que não nos sabemos colocar no lugar do próximo, que não amamos o próximo, que temos a consciência demasiado adormecida.

Cai-nos muito antipática determinada pessoa? Por que motivo? Talvez beba? Observemo-nos... Estamos seguros de nossa virtude? Estamos seguros de não carregar em nosso interior o eu da embriaguez?

Melhor seria que, ao ver um bêbado fazendo palhaçadas, disséssemos: "Este sou eu! Que palhaçadas estou fazendo...".

Você é uma mulher honesta e virtuosa e por isso não lhe agrada certa dama. Por que? Sente-se muito segura de si mesma? Crê você que dentro de seu interior não tem o eu da luxúria? Pensa que aquela dama desacreditada por seus escândalos e lascívia é perversa? Está segura de que em seu interior não existem a lascívia e a perversidade que você vê nessa mulher?

Melhor seria que se auto-observasse, e que em profunda meditação ocupasse o lugar daquela mulher a quem detesta.

É urgente valorizar o trabalho esotérico gnóstico; é indispensável compreendê-lo e apreciá-lo, se é que, na realidade, anelamos uma mudança radical.

Faz-se indispensável saber amar a nossos semelhantes, estudar a Gnose e levar este ensinamento a todas as pessoas, do contrário cairemos no egoísmo.

Se nos dedicamos ao trabalho esotérico sobre nós mesmos, mas não damos o ensinamento aos demais, nosso progresso íntimo se torna muito difícil por falta de amor ao próximo.

“O que dá recebe e, quanto mais der, mais receberá; porém, o que nada dá, até o que tem lhe será tirado.” Essa é a Lei.

A ORAÇÃO NO TRABALHO

- Capítulo 32 -

Observação, Julgamento e Execução são os três fatores básicos da dissolução. Primeiro se observa. Segundo se julga. Terceiro se executa.

Aos espões, na guerra, primeiro se os observa; segundo se os julga; terceiro se os fuzila.

Na inter-relação existe autodescobrimento e auto-revelação. Quem renuncia à convivência com seus semelhantes, renuncia também ao autodescobrimento.

Qualquer incidente da Vida, por insignificante que pareça, indubitavelmente tem por causa um ator íntimo em nós, um agregado psíquico, um "eu".

O autodescobrimento é possível quando nos encontramos em estado de alerta percepção, alerta novidade.

Eu descoberto em flagrante deve ser observado cuidadosamente em nosso cérebro, coração e sexo.

Um eu qualquer de luxúria poderia manifestar-se no coração como amor, no cérebro como um ideal, mas, ao colocarmos a atenção no sexo, sentiríamos certa excitação morbosa inconfundível.

O julgamento de qualquer eu deve ser definitivo. Necessitamos sentá-lo no banco dos acusados e julgá-lo sem piedade.

Qualquer evasiva, justificação ou consideração deve ser eliminada, se é que na Verdade queremos fazer-nos conscientes do eu que anelamos extirpar de nossa psique.

Execução é diferente; não seria possível executar um eu qualquer sem havê-lo previamente observado e julgado.

Oração no trabalho psicológico é fundamental para a dissolução. Necessitamos de um poder superior à mente, se é que, na realidade, desejamos desintegrar tal ou qual eu.

A mente por si mesma nunca poderia desintegrar nenhum eu, isto é irrefutável irrefutável.

Orar é conversar com Deus. Nós devemos apelar a Deus-Mãe em nossa intimidade, se é que, na verdade, queremos desintegrar eus. Quem não ama a sua Mãe, o filho ingrato, fracassará no trabalho sobre si mesmo.

Cada um de nós tem sua Mãe Divina particular, individual. Ela, em si mesma, é uma parte de nosso próprio Ser, porém derivado.

Todos os povos antigos adoraram a "Deus-Mãe" no mais profundo de nosso Ser. O princípio feminino do Eterno é ÍSIS, MARIA, TONANTZIN, CIBELE, REA, ADONIA, INSOBERTA, etc., etc., etc.

Se no meramente físico temos pai e mãe, no mais fundo de nosso Ser temos também nosso Pai que está em segredo e nossa Divina Mãe Kundalini.

Existem tantos Pais no Céu quantos homens na Terra. Deus-Mãe, em nossa própria intimidade, é o aspecto feminino de nosso Pai que está em secreto.

Ele e Ela são, certamente, as duas partes superiores de nosso Ser íntimo. Indubitavelmente Ele e Ela são nosso próprio Real Ser, muito além do eu da psicologia.

ELE se desdobra NELA e manda, dirige, instrui. Ela elimina os elementos indesejáveis que levamos em nosso interior, sob a condição de um trabalho contínuo sobre nós mesmos.

Quando tivermos morrido radicalmente, quando todos os elementos indesejáveis tiverem sido eliminados, depois de muitos trabalhos conscientes e padecimentos Voluntários, nos fundiremos e nos integraremos com o PAI-MAE; então seremos Deuses terrivelmente divinos, muito além do bem e do mal.

Nossa Mãe Divina particular e individual pode, mediante seus poderes flamígeros, reduzir a poeira cósmica qualquer desses tantos eus que tenha sido previamente observado e julgado.

De modo algum seria necessária uma fórmula específica para rezar a nossa Mãe Divina interior. Devemos ser muito naturais e simples ao nos dirigir a Ela. O menino que se dirige a sua mãe nunca tem fórmulas especiais; diz o que sai de seu coração e isso é tudo.

Nenhum eu se dissolve instantaneamente nossa Divina Mãe deve trabalhar e até sofrer muitíssimo antes de conseguir a aniquilação de qualquer eu.

Tornai-vos introvertidos, dirigi Vossa súplica para dentro, buscando em VOSSO interior a Vossa Divina Senhora e com súplicas sinceras podeis falar-lhe. Rogai-lhe para que desintegre aquele eu que haveis previamente observado e julgado

O sentido de auto-observação íntima, conforme vai se desenvolvendo, vos permitirá verificar o avanço progressivo de vosso trabalho.

Compreensão e discernimento são fundamentais; todavia, necessita-se de algo mais, se é que, na realidade, queremos desintegrar o mim mesmo.

A mente pode se dar ao luxo de rotular qualquer defeito, passá-lo de um departamento a outro, exibi-lo, escondê-lo, etc., mas nunca poderia alterá-lo fundamentalmente.

Necessita-se de um poder superior à mente, de um poder flamígero capaz de reduzir a cinzas qualquer defeito.

Stella Maris, nossa Divina Mãe, tem esse poder, pode pulverizar qualquer defeito psicológico.

Nossa Mãe Divina vive em nossa intimidade, mais além do corpo, dos afetos e da mente. Ela é por si mesma um poder ígneo superior à mente.

Nossa Mãe Cósmica particular, individual, possui Sabedoria, Amor e Poder. Nela existe absoluta perfeição.

As boas intenções e a repetição constante das mesmas de nada servem, a nada conduzem. De nada serviria repetir: "Não serei luxurioso". Os eus da lascívia, de todas as maneiras, continuarão existindo no fundo mesmo de nossa psique.

De nada serviria repetir diariamente: "Não terei mais ira". Os eus da ira continuariam existindo em nossos fundos psicológicos.

De nada serviria dizer diariamente: "Não serei mais cobiçoso". Os eus da cobiça continuariam existindo nos diversos transfundos de nossa psique.

De nada serviria apartarmo-nos do mundo e encerrarmo-nos em um convento ou viver em alguma caverna; os eus, dentro de nós, continuariam existindo.

Alguns anacoretas cavernários, à base de rigorosas disciplinas, chegaram ao êxtase dos santos e foram levados aos céus, onde viram e ouviram coisas que aos seres humanos não lhes é dado compreender; todavia, os eus continuaram existindo em seu interior.

Inquestionavelmente, a Essência pode escapar do eu à base de rigorosas disciplinas e gozar do êxtase; entretanto, depois da dita, retorna ao interior do mim mesmo.

Aqueles que se acostumaram ao êxtase, sem haver dissolvido o ego, crêem que já alcançaram a liberação, se auto-enganam, crendo-se Mestres e até ingressam na involução submersa.

Jamais nos pronunciaríamos contra o arrebatamento místico, contra o êxtase e a felicidade da Alma na ausência do Ego.

Só queremos colocar ênfase na necessidade de dissolver os eus para lograr a liberação final.

A Essência de qualquer anacoreta disciplinado acostumado a escapar do eu, repete tal façanha depois da morte do corpo físico; goza por um tempo do êxtase e logo retorna, como o gênio da lâmpada de Aladim, ao interior da garrafa, ao ego, ao mim mesmo.

Então, não lhe resta outro remédio que retornar a um novo corpo físico, com o propósito de repetir sua vida sobre o tapete da existência.

Muitos místicos que desencarnaram nas cavernas do Himalaia, na Ásia Central, agora são pessoas vulgares, comuns e correntes neste mundo, apesar de que seus seguidores ainda os adorem e Venerem.

Qualquer intento de liberação, por grandioso que este seja, se não tiver em conta a necessidade de dissolver o ego, está condenado ao fracasso.

V.M. SAMAEL AUN WEOR